

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO VI

HOMENAGEM AO PROF. PIERRE DAVID
VOLUME I



COIMBRA / 1955

Influência de S. Pedro de Alcântara na espiritualidade portuguesa do seu tempo

IS. Pedro de Alcântara- nasceu por 1499 numia família dia pequena fidalguia, sólidamente cristã e económicamente desafogada, em Alcântara, vilia sobre o Tejo na Estremadura 'espanhola. No desejo de todo se consagrar a Deus, aos 15 anos fez-se frade franciscano entre os chamados Descalços ou Capuchos da Custódia da Estremadura que dali a pouco, em 1519, foi (levantada a)Província com o título de 'S. Gabriel.

Algumas datas de relevo no quadro da sua vida: Por (15124 foi ordenado sacerdote. Em 1534, era guardião no convento de Santo Onofre, foi encarregado pelo Vigário Geral da Ordem Franciscana fr. Nicolau Herbórnio de, com dois dos seus confrades, defender os- direitos da Província de S. Gabriel a certos dos seus conventos reclamados pela Província de Santiago. De Outubro de 1536 a Outubro de 1538 desempenhou o cargo de definidor, e desta última data a Outubro de (15411 o de ministro provincial. A 29 de Abril de '1540 a (Congregação Intermédia, realizada em Falência sob a sua' presidência, aceitou uns estatutos por ele apresentados para. reforma da (Província. Outra vez foi definidor desde Outubro de '1544 até Abril de 1548. No capítulo celebrado nesta data, em (escrutínios sucessivos correu empatada 'entre ele e fr. João de Águila a votação para (ministro provincial; e porque ambos renunciaram à 'eleição e os vogais 'entregaram o caso, para solução, ao (bom critério do geral da Ordem fr. André da Insua que presidia ao acto, este, com surpresa e desgosto de todos, nomeou provincial a fr. Garcia del Castillo, que era frade 'da Província da Conceição. No capítulo celebrado •depois da Páscoa- de 156H, terceira vez foi feito definidor; e a representar a Província, como custódio, em Maio de 1553 assistiu

ao capítulo geral da Ordem reunido 'em Salamanca. A seguir ao capítulo que ma 'Província se congregou 'em Outubro de 1554, retirou-se a viver vida 'eremítica, primeiro em Santa IGruz de lais 'Cebollas (Pamágua)' e depois em Palancar, ma região de Pedroso. (Breve Pontifício, provavelmente de >1667, autorizou-o a passar à obediência dos Franciscanos Conventuais. Em 15*59 foi feito Comissário Geral dos Franciscanos Reformados de Espanha ;então organizados em Custódia ie depois, no ano de 1151612, em Província com o título de IS. José. E neste mesmo ano, a ;1® de Outubro, morreu iem Arenas de (S. Pedro 'O).

Tantos cuidados e cargos mo governo dos frades nunca a S. Pedro de Alcântara estorvaram a vida que sempre viveu de intimidade com (Deus e de fervoroso apostolado cristão. E no ambiente espiritual da Espanha, ajoujada àquele tempo de ânsias divinas e de epopeia, a presença do (Santo deixou marcas fundas. (Dado o interesse que Portugal lhe mereceu, será de perguntar se também aqui se sentiu o fascínio que de sua pessoa irradiou. Escritores nossos já tentaram uma resposta (2). Todavia, porque alguns trabalhos, últimamente publicados «em Espanha a comemorar o quarto centenário da sua morte, alumiararam com mais luz o seu f eito de espírito e actividades (3), talvez mereça a pena rever, em nota breve, l.º as

0) ;Não ®e publicou ainda até hoje qualquer biografia crítica de IS. Pedro de Alcântara. ;Das biografias publicadas, avulsas ou insertas iem ;Crônicas monásticas, as de melhor informação são : (Fr. Juan de Santa Maria, *Vida, y excedentes virtudes, y milagros del santo Fray Pedro de Alcántara*, Madrid 111019; iFr. íAntónio de Huerta, *Historia, y admirable vida del glorioso Padre S. Pedro de Alcántara*, Madrid, il'66;9; Fr. Marcos de ;Alcalá, i *Chronica de la Provincia de San Joseph. Vida portentosa del penitente admirable y contemplativo altíssimo San Pedro de Alcántara*, Madrid l'71318; Fr. Diego de Madrid e Fr. Juan de la Calzada, *Vida admirable del phénix seraphico, y redivivo Francisco San Pedro de Alcántara*, Madrid .17(66, 4 tomos; Fr. António Vicente de Madrid, I*Chronica de la santa Provincia de S. Joseph*, Madrid 1768; e o nosso Fr. ;António da Piedade, *Espelho de Penitentes e Chronica da Provincia de Santa Maria da Arrábida*, ;Lisboa ;1728.

(2) Fr. Antonio da Piedade, *Espelho de Penitentes*, já citado; José Sebastião da ;Silva Dias, '*Correntes de sentimento religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)*, l ' (Coimbra ;19*60), passim.

(3) (São oolectânea de estudos críticos sobre ;S. Pedro de Alcântara, os dois fascículos do *Archivo Ibero-Americano* (AIA) 22 (Madrid 1962); Fidel de (Legarza, *Orígenes de la descalcez franciscana*; Angel Uribe, *Espiritualidad*

suas relações com os portugueses, 2.º as características da sua espiritualidade, e 3.º a influência (por ela exercida sobre as gentes de Portugal.

*

1.º *Relações de S. Pedro de Alcântara com Portugal.* A activa atenção durante muitos anos prestada por S. Pedro de Alcântara às coisas portuguesas e até a sua presença repetida e por vezes demorada em terras de Portugal não são de modo nenhum invenções dos cronistas monásticos que as contam, mas factos indiscutivelmente históricos, garantidos pela longa série de cartas escritas de Portugal ao Santo e escritas pelo Santo para Portugal ou acerca de Portugal.

Que conste, hoje nenhuma dessas cartas se conserva no original. Relíquias que eram, com tanta devoção as guardaram que acabaram por lhes dar sumiço. Mas sabe-se por onde muito tempo andaram algumas delas. É idas que ao Santo escreveram de Portugal, ficou mesmo lembrança de duas colecções de originais, uma na posse de D. Pedro (Barrantes de Maldonado, sobrinho do Santo, segundo depoimento⁽⁴⁾) feito em 1616 por Pedro Martínez, vizinho de Alcântara e ali na vila advogado, e outra utilizada por vários cronistas e biógrafos do Santo e conservada no arquivo do convento de S. Gil de Madrid ainda em 1736, quando fr. Marcos de Alcalá preparou o primeiro tomo da *Chronica de la santa Provincia de San Joseph*

de la descalcez franciscana; León Amorós, San Pedro de Alcántara y su «Tratado de la Oración y Meditación»; Alejandro (Recio Veganzonesi, Ensayo bibliográfico sobre San Pedro de Alcántara; Pedro Borges, San Pedro de Alcántara hasta su ingreso en la Orden franciscana; Arcángel Rarradq, San Pedro de Alcántara en las Provincias de San Gabriel, La Arrábida y San José; Manuel de Castro, San Pedro de Alcántara en el Arte; Juan Messeguer Fernandez, Glorificación de San Pedro de Alcántara.

(4) *Processo de beatificação de S. Pedro de Alcântara*, ms. na Biblioteca Vaticana em Roma, I, f. 18v: «Informações (feiradas em Alcântara, 1616: «los reyes de Portugal de aquel tiempo y el duque de Berganza y todos los principes y (señores de aquel ireyno l'lescrivian cartas muy regaladas al dicho Padre con quejas de que tardava en no los ver y comunicados y queste testigo vio las cartas que están en poder de) un sobrino del dicho fr. Pedro mayorazgo desta villa llamado don Pedro Barrantes Maldonado» (vid. AIA, 22, p. 418j6j)

qu*é é a biografia do seu fundador S. Pedro de Alcântara* (5).
 IDepois é que *se* lhes perdeu o rasto.

E se de muitas hoje só resta ia memória de haverem sido escritas ou qualquer frase breve do seu texto, de várias outras conhece-se o seu teor completo, porque a tempo as publicaram os cronistas das Províncias Capuchas de Espanha e Portugal ou antigos biógrafos do Santo, copiando-as dos originais que tiveram à mão. E seja muito 'embora para se discutir a letra de algumas de suas frases, dada a liberdade dos cronistas e biógrafos no transcrever documentos ou traduzi-los, ma generalidade não há porque duvidar da autenticidade do texto que nos chegou. A vida que nele passa, os casos a que alude até nos pequeninos cuidados que os colorem, batem tão certos que afastam toda a suspeita de falsificação.

A testais cartas com outras várias as reeditou últimamente o P. Arcángel Barrado Manzano iem colecção que apensou a estudo publicado no «Archivo Iberoamericano» com o itítulo *San Pedro de Alcántara en las Provincias de San Gabriel, la Arrábida y San José* i(6). Eis a sua lista* na ordem cronológica que nos pareceu mais aceitável:

1.º Carta do rei de Portugal D. João IUI ao ministro provincial da Província de S. Gabriel fr. Pedro de Alcântara., de (Lisboa a i29 de de Outubro de 1540 ; !2.º Carta da rainha de -Portugal D. Catarina ao mesmo e na mesma data; 3.º Carta de iS. Francisco de Borja a S. Pedro de Alcântara, de Gandía a 13 de Fevereiro de /1549'; 4.ª Carta da infanta de Portugal D. Isabel ao mesmo, de Almeirim á volta de 20 de (Setembro de 155/1'; 5.º Carta do comde do Vimioso D. Afonso de Portugal ao mesmo, de Santarém a 20 de Setembro de 1551; 6 0 'Carta da infanta D. Maria ao mesmo, de '211 de Setembro, sem indicação »do lugar nem do 'ano, que será o de 11:5151; 7.º Carta de S. Pedro de Alcântara à infanta portuguesa D. Isabel, sem lugar nem data, mas que pode ser resposta à da mesma* infanta acima anotada com o núm. 4; 8.º Carta da dita infanta D. Isabel a S. Pedro de

(5)i Assim o diz a p. (1-971., aio copiar as cartas die /D. João 'III e D. Catarina. Fr. .Diego de Madrid e fr. António Vicente de Madrid nais obras citadas no nota H)' copiaram também daí as cartas que publicaram.

i(6) No dito AIA, 22, pp. 539-&61., sob a epígrafe *Epistolario Sanaloantarrino*. As cartas quie respeitam a Portugal, vão publicadas ao fim deste artigo, como apêndice.

Alcântara-, 'die Almeirim ia 28 die Nioembro die '1561; 9.º 'Oairta do infante português (D. Luís ao mesmo, de Almeirim na imesnua data; 10.º 'Carta do conde de Vimioso ao mesmo, da mesma -data, mas sem indicação de «lugar; lil.º 'Carta da infanta portuguesa D. IMaria- ao mesmo, de iLisboa a 2' de Fevereiro de 1563'; 12.º Carta de iS. IPedro de Alcântara à dita infanta D. (Maria, do convento de los Ángeles a '1(5 de Junho de '1553'; 13.º 'Carta de 'S. Francisco de Borja a S. Pedro de Alcântara, de Jaraodilha a ;22 de Agosto de 1667.

As notícias fomeci'das por estas cartas são recurso de valia para bem sie apurar até que ponto estão certas as biografias e crônicas monásticas no que elas contam do tempo e modo como S. (Pedro de Alcântara se relacionou com Portugal e do convívio que com suas gentes manteve. Aproveitemo-lo para firmar melhor os factos que são certos e para abonar os outros que não passam ainda de conjecturas.

As cartas dos reis de Portugal D. João WH e D. Catarina!, datadas de 29 de Outubro de 11540, respondiam, em termos de carinhosa benevolência, a outras em que o Santo lhes apresentara dois confrades enviados com pedido. Todas estas circunstâncias obrigam a acreditar que os reis e o Santo já antes familiarmente se conheciam, e confirmam quanto as Crônicas referem de contactos havidos entre eles já desde 153i6 ou 1537. Por essa altura teria o rei chamado o Santo à sua corte, para com ele tratar negócios de consciência ;(7). A consulta real cai num contexto de cuidados de D. João HI pela reforma dos Franciscanos observantes portugueses, e surge por isso a suspeita de que seria nesse sentido a Chamada (8).

(7) Vid. Fr. António dia Piedade, *Espelho de Penitentes*, '311111 Giita-ae aqui o cronista português, de preferência la-os de Espanha que o antecederam, porque estes baralharam bastante o quadro cronológico das actividades do Santo em Portugal, o que não fez fr. António da Piedade sempre atento à documentação dos arquivos da sua Província e de outros que depois desapareceram nos cataclismos do terremoto de '1755, da exdlaustração dos frades em 1S34., etc.

(8) iSobre os cuidados de D. João ;III pela reforma dos Franciscanos Observantes portugueses vid. F. Félix Lopes, Fr. *André da instia, Geral doa Observantes Franciscanos* em A IA, H2 (;Madrid 1952) e *Um homem que acreditou no pecado original*, em «Itinerarium», '8 (Braga 111962). E não eram infundados os seus cuidados. iDali a pouco, em 15'62, D. fr. Bartolomeu dos Mártires, com o peso da sua autoridade die arcebispo de Braga e de santo, lastimava no 'Concílio die Trento a observância medíocre dos Franciscanos

De seu pai iD. (Manuel herdara o rei ia esperança de reformar os Franciscanos Claustráis, e continuara nos processos dele de tirar-lhes os conventos um a um para os entregar aos Observantes. Mas em 1532 já se diera* conta do malogro; e, desenganado, queixava-se que também a Observância portuguesa «falece muj poco pera de todo ser descaída». Entregues aos observantes, ou, como então se dizia, reformados na Observância alguns dos conventos grandes da Claus-tra, como o de S. Francisco de Lisboa, logo neles estiolara «a santa devoção a que todas as demais cousas temporais devem servir»; e depois, por contágio, o mesmo fora acontecendo até nos outros conventos mais pequenos. Queira-se ou não, os conventos esfriam-se que nem casernas, sempre que neles afroixa o abraço de fraterna piedade e singeleza a prender a cada um dos frades. E dificilmente se encontrarão braços que apertem multidão de frades espalhados numi convento que é enorme.

D. João III, assim desiludido, reclamou providências ià Congrega-ção Geral dos Franciscanos Observantes celebrada em Tolosa no Pentecostes ide <11532; e a Congregação, conforme os desejos-cto rei, retalhou em duas a Província- de (Portugal a fim de seus prelados mais eficazmente assistirem e corrigirem os frades, e mandou visita-dores de 'Castela a insuflar-lhes novo 'espírito de devoção. E porque do trabalho desses visitantes mais não resultou que desassossego^ logo dali a pouco instou o rei porque fossem nomeados visitantes os capuchos da Província Portuguesa' da Piedade fr. Diogo da Silva (fins de 1533 ou princípios de 15314, pois em Março desse ano já era bispo de Ceuta (⁹)) e fr. João de Albuquerque, confirmado bispo de Goa em 1537 (¹⁰). E teria sido um destes dois quem falou a

Observantes portugueses. E queixais iguais foram causa de conflito entre o cardial D. Henrique e o Geral dos ditos Observantes fr. (Francisco de Zamora, em 1564-1565. Fr. (Fernando da Soledade, *Historia. Seráfica IChronologica da Ordem de S. Francisco na Provincia de Portugal*, 4 '(Lisboa 111709)1, p. 296, canhestramente endossou aos «Padres Claustraes deste Reyno» as queixas de ID. João MI, como se a Congregação 'Geral dos Observantes celebrada em Tdosa no ano de 153'2' alguma coisa pudesse resolver sobre os Claustrais ou Conventuais que de modo nenhum estavam na sua dependencia.

(⁹) çBiografia dele em fiv 'Manuel de Montarte, *Chronica da Provinda da Piedade*, Lisboa 1751, pp. 3(3'3 43(39; Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, 3 (Parte >11), passim.

(¹⁰) Biografia em fr. Manuel de Montarte, *IChronica* citada, pp. 398-402 ; Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, 3; (Parte II), pp. 1011-

D. João /III no capucho fr. IPedro d'e Alcântara que se (revelara homem corajosamente zeloso dia Observância na su>a Província- de ;S. Gabriel, irmã gémea da (Província da Piedade, nascidas ambas elas do entusiasmo reformador de fr. João ide Guadalupe. E viria daí a lembrança que ;teve iD. João MI, de chamar à sua corte, por 116316, a fr. Pedro de Alcântara, para com ele estudar os tais negócios de consciência, que bem podiam ser o modo de acomodar em observância as duas Províncias franciscanas de Portugal e dos Algarves.

Ora, foi tal a impressão que o Santo deixou de si inaquela passagem pela corte portuguesa, que em fins de 16«41 ou começos de 15412 D. João de Ilencastre, duque de Aveiro, o convidou para ir à sua serra da Arrábida fazer companhia a fr. Martinho de (Santa- Maria. Este fr. Martinho, filho 'do conde de ISantestéban de»! Puerto no reino de Jaen, professara a vida franciscana na Província de 'Cartagena', e, a acreditar nas Crónicas, com '212 anos de professo ter-se-ia passado à Itália «a viver entre os capuchinhos Barbados». A breve trecho, porém, cansado ou desiludido, regressara; e numa peregrinação a Santa Miaria de Guadalupe encontrara-se com seu parente o duque de Aveiro que lhe oferecera a solidão da serra da Arrábida para nela viver seus fervores de austeridade e oração. Fr. Martinho agradara-se da oferta, e, autorizado pelo ministro geral fr. Vicente Lunel por patente datada de Valha dolido em 5< de Abril de TSQ©, ali se recolhera ià serra com companheiro da sua escolha, numa muito antiga e devota ermida de Nossa 'Senhora'. Mas o companheiro, descoroçoado com a vida de rigores que fr. Martinho empreendera, depressa o tinha deixado; e o mesmo haviam feito mais um e outro logo a seguir i(º). E foi então que, segundo relato

-10112 ; fr. Paulo da Trindade, '*Conquista Espiritual do Oriente*, 1 (Lisboa di9*6'2X PP- 95-9/7 <e paissim.

C¹¹) LFY. (António dia (Piedade, *Espelho de Penitentes*, pp. 1113"-llfi, 29--48, desenvolvidamente historia a vinda de fir. (Martinho paira a (Arrábida e sna vida aí até 1542, com documentação que pareoe ser do perdido arquivo da Casa de (Aveiro. ISobre o duque de Aveiro D. João de Ilencastre (116101-15171) vejam-se as notícias em fr. António da Piedade, o. c., pp. 5'3'-5'7 e passám, e em *Nobreza de Portugal*, 2 (Lisboa 1060), p. 342. (Biografias de fr. Martinho de Santa Maria há apenas a que dá fr. António da Piedade, o. c., passim, e a de fr. António da Madre de 'Deus, *Elogio do preolarissimo Fundador da Arrabida o venerável Padre Fr. Martinho de Santa Maria*, Lisboa '1750, que apenas põe noutro estilo o que fr. António da (Piedade já contara.

de fr. António da Piedade e mais cronistas ie biógrafos, S. Pedro de Alcântara, terminado que foi o seu triénio de governo na Província de S. Gabriel, a pedido do duque de Aveiro se veio à Arrábida a acompanhar fr. Martinho.

Sucedeu que, em Maio 'desse ano de '1642, o ministro geral fr. João Galvo, chegou a Portugal jem negócios da igreja e da (Família Franciscana, subiu à serra da Arrábida e canónicamente erigiu nela o convento de Santa Maria que fez Custódia na sujeição da Província dos Algarves ao modo da legislação então em vigor na (Ordem. Para custódio nomeou fr. IMairfcinho, com poder de admitir frades e fundar até três ou quatro eremitorios ;ou conventos. E para programa de vida aprovou unis Estatutos que, na fraise do mesmo fr. António da Piedade, («com assistência de :S. Pedro de Alcântara e do venerável fr. João de Águila, compoz o nosso fundador» fr. Martinho (12).

Fr. Martinho, como as Crónicas o desenham >(e não temos mais a que ater-nos para fazer dele uma ideia), não persuade nada que seja sua a iniciativa de se criar na Arrábida¹ um instituto de reforma franciscana, e muito menos que sejam da sua autoria os Estatutos em que se fundou a Custódia-. Parecia um homem ausente deste munido, um frade 'de fervores impossíveis de acomodar numa. forma de vida ou de meter em letra de estatutos. INão 'encontrara sequer quem lhe aguentasse a companhia, listo por um lado; mquanto por outro se adivinham sentimentos de paternidade nos carinhos com que S. Pedro de Alcântara sempre zelou o Instituto, e no mesmo sentido se poderão interpretar as 'esperanças dos outros de que no amparo do Santo é que a 'Custódia havia de crescer e prosperar, segundo se lê nas cartas da já referida colecção. E ele, sim, que era homem de acção, experimentado no governo dos frades, -com programas definidos de reforma franciscana e com prática de os passar a letra de estatutos, conforme já provara no triénio de d'53<8 a 1541 quando como ministro provincial governou -a Província de S. Gabriel.

E, por tudo isto, deve ser verdade o que biógrafos e cronistas relatam aceroa da vinda de iS. Pedro de Alcântara¹ para a Arrábida /nos fins de '1541 ou princípios de 1542, a instância do duque de Aveiro. E o mais, tudo naturalmente se seguiu. 'Uma vez ali, logo o Santo advertiu que bem seria de aproveitar a veneração e fama de virtude

(12) Fir. lAirtónio dia Piedadaq, *Espelho de Penitentes*, pp. 1135-;13;6. *Ibidem*, pp. 48-153 notícia da subida de fr. João Oalvo à 'Arrábida.

que aureolavam a fr. Martinho de iSairuta Maria para, sobre elas, edificar um Instituto de reforma franciscana. E levou então o duque de Aveiro ia chamar à Arrábida o geral dos franciscanos, fr. João Calvo, aio qual requereu a criação de Custódia a< reger por 'estatutos que lhe apresentou e que, segundo o resumo que deles faz o cronista fr. António da iPiedade, eram, aua doutrina e às vezes até na letra, iguais ou quase aos que havia publicado para <a ;sua Província de 'S. Gabriel na Congregação (Intermédia de 1540)⁽¹³⁾.

O Geral, considerando o entusiasmo em que o ;Santo ardia, à sua responsabilidade confiou a organização da Custódia que de facto criou, animou-o (a* fundar até três ou quatro conventos que a haviam de constituir, e encarregou-o da educação idos primeiros noviços. E o referido cronista fr. António da Piedade, firmado na tradição e possivelmente jem papéis 'dos arquivos da Província da Arrábida: perdidos depois no terremoto de 1755, conta- como o Santo, no molde dos Estatutos, fez a planta para o convento de ;Fa'lbais que o conde da Vidigueira oferecera, dirigiu a® construções dele, e prontas elas, ali ficou, feito guardião e mestre, a educar os primeiros noviços da Custódia; e mais conta como ele dissipou a fr. Martinho os medos de aceitar desde logo outro convento que o infante D. Luís fundou nos seus domínios, «em Jenicó, entre 'Salvaterra e iBenavente, e cuja construção se começou na traça que o Santo dera para o de Palhais <(14). É verdade que nem por isso o Cronista lhe chamou nunca o fundador da Custódia da Arrábida, respeitando a tradição

i⁽¹³⁾ O papa Júlio III, no breve *Exponi nobis* die 4 de Outubro de 1552, relata que i«Martinus Ordinis Fratrum •Minorum et nonnulli alii urnam Congregationem professorum dicti Ordinis in eremitorio seu domo beatae Mariae d'Arrabida ordinaverant seu instituerant, ac nonnulla ;Statuta et Ordinationes regularem disciplinam <ae eorum habitus et vestitus formam,, rationem et humilitatem conoementia ediderant, ac (Statuta et Ordinationes huiusmodi tunc Magistri Generalis dicti Ordinis primo et deinde Sedis Apostolicae auctoritatibus confirmata fuerant...» <(em *Annales Minorum*, 18 '(Quaracchi 1933), pp. 5187-539)'. É, portanito, certo que a Custódia tinha Estatutos desde o tempo do ;Fundador, aprovados pelo geral fr. João Calvo e pela iSanta Sé. ;Ddles se desconhece o texto e documentos de aprovação. Fr. António da Piedade resumiu-os (*Espelho de Penitentes*, pp. 13'5-1<3'7). T>os Estatutos de S. Pedro de Alcântara para a Província de S. 'Gabriel publicou o resumo, dado pelas Crónicas antigas, Arcánge Barrado no citado AIA, 2'2,, pp. 53'2-5'3'8.

i⁽¹⁴⁾ Fr. António da Piedade, *Espelho de Penitentes*, pp. U|D3P11S, jli27-, '18H, 3194324.

que sempre reservara o nome paina fr. Miartinho, provavelmente pelo motivo de o Santo, afinal, ter vivido na Custodia como um estranho, pois nunca nela juridicamente se incorporou⁽¹⁵⁾.

(Padre que 'ena da Província de S. 'Gabriel, iS. Pedro de Alcântara foi convocado para o 'Capítulo que se realizou em Outubro de (1544 no -convento da Madre de IDEus de Albuquerque, e niele segunda vez saiu eleito definidor. Preso assim ao governo 'da Província, não pode por então regressar à Arrábida. Todavia, de modo nenhum delia se desinteressou; e, como pôde, a socorreu nas aflições que sobrevieram. Embora não reste qualquer testemunho documental desse seu socorro até dS'49, o modo como nesse ano interveio ma crise angustiosa em que a Custódia se debatia há mais de três anos, basta para prova. Depressa se conta a história da tormenta que ameaçadoramente crescera.

'No capítulo celebrado na' custódia' da Arrábida, por Maio de 1645, para eleição do sucessor de fr. Matrimho que terminava o triénio de governo, presidiu o provincial 'da Província >da Arrábida fr. André da Imsuai Homem arejado nos ambientes cultos -de iParis e Lo vaina, onde cursara estudos, antipatzava com a vida capucha da Arrábida, e tentou por isso acabar com ela na oportunidade que se lhe oferecia, faizendo elieger para custódio a fr. André Varela, frade da sua Província, e reduzindo a Custódia àis observâncias ida® recoleição® para ser recoleição da sua dita Província. A reacção foi imediata, pois em princípios de '1546 quem governava a Custodia era já fr. Luís Fialeiro frade nela incorporado⁽¹⁶⁾.

Por Agosto de 1'546 morreu fr. Martinho de Santa Maria, e fr. André da Insua logo aproveitou a ocorrência para nova tentativa de reduzir a Custódia aos modos da recdleição, dandolhe outra vez para custódio um frade da sua Província' dos Algarves. O infante D. Luís, porém, tomara providências, segundo se vê da carta que a três de Setembro desse ano escrevia ao duque de Aveiro: «Deos seja

i⁽¹⁵⁾J Dado o miuito apreço de S. Pedro de Alcântara pedia custódia da Arrábida, pode supor-se que nunca niela se incorporou porque nem os superiores dia sua Província de S. iGabriel nem o geral da Ordem lhe concederam a licença precisa sfegundo lei da Ordem.

i⁽¹⁶⁾ >Fr. António da Piedade, *Espelho de Penitentes*, pp. 140H143, 15'2. Aí se diz a pg. 140 que fr. iMartinhjo renunciara em 1545' ao governo da Cusitódáa. Foi a renúncia legal, simplesmente. Nomeado em Maio de '1542» por Maio de 1545 reuniu o Capítulo Custodiali para lhe dar sucessor.

milito looivaidio para siempre, que assim o dirá dle [fr. (Miaintinho de Santa María) já agora sem cessar; e por esta causa não há mais que tratar delle, senão de consolar, e esforçar aos Padres da sua Custodia, para que o <bra tão santa não deixe de ir por diante». E animados pelo infante e pelo duque de Aveiro, os padres, de facto, não aceitaram o novo governo e feito de vida que fr. André lhes quis impor (17).

Mas fr. André da Insua dali a pouco, no Capítulo Geral celebrado em Assis a 2^o de Maio de >1547, foi eleito ministro geral da Ordem Francisoainia, e apenas eleito correu a Portugal e Espanha a presidir nos capítulos das Províncias (18). No da Província de íS. Gabriel, celebrado em Alconchel a seguir à Páscoa de !'548, como acima fica dito, nomeou para provincial a fr. Garcia del Castillo, recoleto da Província da Conceição, porque, competindo na eleição com votos iguaiis S. Pedro ide Alcântara e fr. João de Águila, e tendo os dois renunciado à votação, o capítulo se comprometeu aoeitar quem o Geral 'lhes nomeasse. Já aqui se vê a nenhuma confiança que o Santo merecia a fr. André, e não custa a crer que um dos motivos fossem as suas actividades na fundação e conservação da Custódia da Arrábida.

Aliviado de responsabilidades de governo na sua Província de S. Gabriel naquele capítulo de 154^o, S. Pedro de Alcântara teria vindo à Arrábida ou a qualquer outro ministério em (Portugal. Assim o faz crer a resposta- de S. Francisco de Borja, de Gandia a 13 de Fevereiro de '1549, à carta que ele lhe mandara por um próprio, sabendo-o de partida para Roma, com pedido de lal-i patrocinar a causa da Custódia da Arrábida. É de facto para se acreditar que seria do campo das aflições que o ;Santo mandava- a pedir socorro. E íS. Francisco de Borja, à promessa de se interessar, acrescentou

(17) y Fr. António da Piedadq, *Espelho de Perdientes*, pp. IISS-l'&Ç. ;Discrepam 'os autores ;sobre a data da ;morte de Fr. Martinho. A carta do infante D. Luís que no texto se cita e fr. António da Piedade publicou, fixa a data por Agosto de ou pouco antes.

(18) Fr. António da Piedade, *Espelho de Penitentes*, Ili69-<r?3i, resume o trato de fr. André da insua com a Custódia da Arrábida durante o seu generalato (1547-1553). Veja-se sobre o assunto Arcángel Barrado, no citado A I A, pp. 4'79-4(S5 e bibliografia por ele citada, e ainda F. Félix Lopes, *Fr. André da insua, Gerai dos Observantes Franciscanos*, em A EA, H2 (Madrid >195'2),

esperanças de bom êxito: «tengo por cierto, que sienido la obra [da Custódia da Arrábida] tain santa, se favorecerá, así ¡en 'dispensar con algunos religiosos que se pasen a la compañía de estos reverendos Padres, como en aceptarla y aprobarla por buena» (19).

O caso fora assim: Fr. André da Insua, passando em Portugal nos fins de '15»47, desassossegara a Custódia da Arrábida com destituir o custódio fr. Luís Faleiro por não ter cumprido ordens que lhe dera, quando iProvincial dos Algarves, isobre feito e aspeza do hábito. E quando em fins de .164<8 voltou, ou em capítulo custodiat por ele presidido ou noutra qualquer circunstância, publicou breve pontifício que alcançara, a reprovar «a forma dos hábitos com tanta variedade de remendos», à qual chamava «singular e monstruosa», e a mandar que os frades da Custódia, na forma dos hábitos, se conformassem com a recoleção da Província dos Algarves (20). Daí a intervenção de S. ¡Pedro de Alcântara a pedir autorização pontificia para se incorporarem na Custódia os religiosos que o desejassem e para os frades continuarem na observância dos primeiras Estatutos em que se 'lhes determinava uma forma própria de hábitos muito remendados e austeros. E o infante D. Luís, que tanto acarinhava a Custódia, também da mesma forma interveio com urgentes pedidos para o !Papa(21).

E S. Pedro de Alcântara ou -continuou na Custódia da Arrábida, se já para ela viera em /1548, ou a ela chegou dentro em pouco,

i(10) iGarta que adiante se publica, no apêndice.

'(2oy O breve pontifício publicado em 1549 na custódia da Arrábida por fr. André da insua segundo 'afirma fr. António da 'Piedade, *Espelho de Penitentes*, pg. não é conhecido. Arcángel ¡Barrado (em ATA, 22', p. 480)

lembra que poderia ser breve semelhante ao que o mesmo fr. André alcançou em 7 de Novembro de '1550, no qual se manda que todos os Franciscanos de aquém dos Alpes i(os chamados Ultramontanos) usem capelo e hábito do feito tradicional e que os 'Capuchinhos se não pudessem estabelecer nas mesmas regiões de aquém dos 'Alpes. Naqueles tempos aos frades da Arrábida também alguns lhe chamavam capuchinhos. Este facto poderá ajudar a explicar a» intenções do breve pontifício pedido por fr. André.

(21) A intervenção do infante confirmam-na os breves pontifícios i*Dum quo ad quid justum* de 28 de Outubro de T55¡li e *Exponi nobis* de 4 de Outubro de 1552, pelos quais o 'Papa, conforme seus pedidos, aprovava o modo de vida dos frades da 'Custódia. Este último foi publicado em *Annales Minorum*, 118 (Quaracchi '1913:2i), pp. 5817-:5'8'9'. Possivelmente seria do mesmo teor o *Religionis honestas suadet*, Citado por fr. António da Piedade, *Espelho de Penitentes*, ■pg. W?%, dirigido à 'Custódia nessa mesma data.

demorando-se «até tao capítulo que nia sua Província de S. (Gabriel se reailizou em Placenda a seguir là Páscoa de IL56H, ao quall foii assistir oomo de direito lhe competia'. A situação da Custodia não havia serenado. Não obstante a intercessão de S. Francisco de Borja e os reiterados pedidos do infante D. -Luís, a 'Santa Sé não revogara ainda o breve apostólico que o geral fr. lAndré publicara na 'Custodia. A presença do Santo era ali uma esperança para todos. E por isso tencionava ele voltar à Arrábida, findo que fosse o Capítulo de Plasência. 'Sucedeu, porém que nele o elegeram mai® outra¹ vez definidor, e com as responsabilidades do cargo obrigaram-mo a quedar-sie na (Provinda.

As cartas que então de Portugal lhe escreveram—*e salvaram-se as de ID. Isabel, de D. Luís e do conde de Vimioso, publicada® na já citada coleção (22)' — patenteiam o ascendente que o Santo conquistara na corte portuguesa e entre os nobres, e quanto dele confiavam para valimento da Custodia da Arrábida. A infanta D. 'Isabel nem queria pensar que ele não regressasse na companhia de fr. João de Águila (23). Adivinhasse que o Santo lhe dera ainda esperanças de obter autorização de se tomar para Portugal. E tudo isto faz pensar que talvez ele, o Santo, andasse com a ideia de se aproveitar da licença pedida a Roma para se poderem incorporar na Custódia os religiosos que desejassem.

Afinal não regressou, ma® veio fr. João de Águila em sua- vez. A carta que, a 'explicarle, 'escreveu à infanta D. Isabel, é a confissão miais aberta do seu apreço pela Custódia da Arrábida e da amizade às gentes de Portugal:

«Aunque que me vino de esos reinos, porque creo que así lo quiso 'Nuestro Señor por el buen suceso que sucedió en esa Custodia con mi venida, pues con ella fue nuestro hermano fray Juan del Aguila y ¡se guieron -las cosas de allá tan

,(22)(/Qartas publicadas adiante, em apêndice.

i(23) iFr. Antonio da Piedade, *Espelho de Penitentes*, pp. 5'S8'603 traça a biografia de fr. João de Águila. Errou-lhe a data do nascimento que deve ser 14(85 ou cerca (vid. Arcángel (Barrado no citado AIA, 22, -pp. 488->4'85). A sua vinda à Arrábida em 1542 com S. 'Pedro de Alcântara e a sua nomeação de guardião de Falhais em '1549 (fr. António da Piedade, o. c., pp. 44 e lA1) não têm qualquer documento a aboná-las. Mas a sua .presença na 'Custódia em U'55'1 e suas posteriores actividades garantem-nas as referidas cartas e um memorial ras. de cerca de !115'2'6 que dá dele notícia necrológica /(Bibi. Nac. de Lisboa, F. G., ms. '6*8, S'Sv-ÆUv).

bien que parece que se acaba de canonizar la Custodia, de la qual creo que Nuestro Señor tiene especialísimo cuidado, así como hacienda peculiar suya, pues el modo de vivir en ella es a Él tan apreciable, y en tan poco número de gente tiene tantos siervos. Y de mi venida acá creo yo que sea Nuestro Señor, servido. ¡Cómo sean cosas que el guía y que tan claramente lo quiere mostrar, no ha que hablar. Nuestra Provincia, sea gloria a Nuestro Señor, en muchas cosas está mejor que nunca estuvo. (Digo esto a V. IA. porque sé que, demás de ser tan celosa de la gloria de Nuestro Señor, lo es en especial de que esta crezca en estas sus Provincias de la Piedad y San Gabriel y Custodia de la Arrábida, a la qual tengo yo singular amor, porque sé lo que en ella hay, y porque, *caeteris paribus*, tengo cierto más amor a las cosas de Portugal que a las de Castilla, por la gran cristiandad de los Príncipes de esos reinos, entre los cuales señaló Nuestro Señor a V. A., así por lo que heredó de sus progenitores como por las buenas inclinaciones y por estar más desembarazada de negocios temporales. Esto senti y siento siempre, y digo en cualquier parte en que me hallo» (24)

A infanta ÍD. Isabel ficou inconsolável com a notícia: de que tefe não voltava para a Arrábida, e respondeu-lhe a responsabilizá-lo pelas consequências: «Ruegoos mucho que mudéis ese propósito [...] y os vengáis para esta Custodia, pues comenzados a criar estos angelés, no se pierdan por vuestra culpa, que asáz de culpa vuestra será dejarlos en «este tiempo». O infante ID. Luís agradeceu o cuidado que mostrara pela Custódia; mas «bien quisiera yo, escreve, que esto fuera con vuestra presencia, por la experiencia que tengo del fruto que en ella hacéis». >E o conde de Vimioso desabafou em quixas de muita estima: («tanto senti las¹ nueva[®] que me dieron de la poca cuenta que hace de nosotros y de esta tierra».

Os documentos não referem outras visitas do Santo, depois, a Portugal, mas é de calcular que as fizesse, morando tão perto como morava, e com o coração tão cheio das coisas portuguesas. Interessou-se pelo casamento da infanta D. Miaria com o príncipe de Castela ID. Filipe que depois foi rei. Mandou-lhe parabéns em 1551, quando do primeiro projecto que falhou. Voltou com os parabéns quando do segundo projecto, em 1553, e com palavras de muita ternura, ainda depois lhe escreveu: «placiendo a Nuestro Señor por mis ojos viese a V. A. en 'Castilla', 'en el 'estado que tantos años ha la desseo. Y desde (la primera vez que a V. A. vi, no me olvidé, además

(24) 'Carta publicada adiante, em apêndice.

de mand'armidlo, <a lo 'encomiendar muy (particularmente ia ¡Nuestro Señor». E o casamento dia infanta de novo, e desta vez definitivamente, se frustrou mesmo na véspera do die 'em que Rui Gomes da Silva o havia de celebrar em nome do Príncipe i⁽²⁵⁾. Depois em 27 de Novembro de 1556 foi a morte do amigo, o infante D. Luís, e a l'il de Míaiio de '1657 a del-rei D. João MI. O ¡Santo sentiu todo este desabar de coisas e amizades. E ainda em Agosto desse ano de '1667, recolhido no ermo de iFedroso, ao saber que (S. Francisco de Borjia se ia a caminho de (Portugal com igraves iniegócios diplomáticos, lhe pediu que, podendo, torcesse caminho pela ermida onde vivia, porque 'desejava faiar-ilhe. O assunto da conversa 'eram 'cuidados de Portugal, como parece deduzir-se da resposta que 8. Francisco de Borja lhe mandou: Não podia ir visitá-lo por então, mas «en Portugal, acrescenta, tendré yo mismo el cuidado que se debe de las cosas de V. R., y a la vuelta espero 'en el ¡Señor que nos veremos y trataremos particularmente»»⁽²⁶⁾

Depois, o Santo -todo se atarefou mos trabalhos da Custódia e Província de S. José dos Franciscanos Reformados Claustrais, e os documentos calam-se acerca idas suais relações com Portugal. Todavia, é certo que a sua influência ainda então não morreu. É desse ano de 1557 ou do anterior a edição mais antiga que se conhece, do *Tratado de la Oración y Meditación* que com o nome do Santo se

(25)j Vejam-se as cartas adiante publicad-as, em apéndice, de 1551' e 1553'.

A infanta iD. {Maria '(152'1-1577X filha do rei D. Manuel, foi noiva de iD. (Filipe príncipe de Espamh-a e depois rei, e deve ter sido a -preparar o casamento o breve *Provisionis nostrae* de 10 de Setembro de 1560 (*Corpo Diplomático Portu-étiez*, '6, -pp. 4'25-428) a ratificar a dispensa matrimonial de parentesco dada ao príncipe em il'54:3'. iDo mesmo príncipe esteve outra vez noiva em 1553», mas o imperador (Carlos V na véspera da celebração do casamento, em '6 de Julho*, tudo desarranjou. A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, 20, pp. 830-8311 i(S. (Pedro de (Alcântara) afirma que «da sua estadia [do Santo] na corte de (Lisboa, resultaram grandes penitências para alguns poderosos e a rehúnda ao mundo da infanta D. (Maria que, contudo, por ordem do Santo continuou vivendo, apesar dos votos, na corte e com hábitos iseculares para mais fácilmente dar exemplo iàs damas do paço». As citadais cartas desfazem esta lenda tão malévolamente explorada por vezes. É vasta a bibliografia sobre a infanta D. Maria. *Biografias mais completas:* Miguel 'Pacheco, *Vida de la serenissima infanta doña Maria hija del rey D. Manuel*, Lisboa 1675 ; Carolina Micaelis de Vaconcelos, *A infanta D. Maria*, Porto 1*9*02.

⁽²⁶⁾ Carta de S. Francisco de Borja a S. Pedro de Alcântara, de 22 de Agosto de '15!5'7, publicada adiante, em apéndice.

publicou. ¡Foi impressia 'em Lisboa (27). O facto prova ao monos isto: que S. IFedro d>e Alicántara continuaría a ser alguém presente em Portugal, e que os portugueses -lhe apreciavam a doutrina.

*

2º *A espiritualidade de S. Pedro de Alcántara*. Um apontamento rápido, a propósito 'do sentido a dar à palavra «despiritualidade». É que se presta a equívocos, a significação vaga e fluida que frequentemente se 'lhe atribui.

For espiritualidade entende-se todo o esforço feito pello homem para viver a sua fê religiosa, ou a vivência' religiosa resultante desse esforço; e, consequentemente, por 'espiritualidade crista, o 'esforço do

[27]l A malis antiga edição conhecida do *Tratado* é a de Lisboa s/d representada pelo exemplar único da Bibl. Nac. de (Lisboa, Reservados. Nela expressamente se nomeia S. Pedro de Alcántara autor do *Tratado*, e a ele o atribuem as edições feitas até fins do século XIX, quando começou a discussão que veio dar no estudo publicado na «Revista de Archivos, (Bibliotecas y 'Museos)», 35. e '3(6 (19Ut8-19Ili9) por Justo (Cuervo, *Fray Luis de Granada, verdadero y único autor del «Libro de la Oración»*). A última posição do problema é a de León IAmorós, *San Pedro de [Alcántara y su «Tratado de la Oración y Meditación»*, em AJA* '22, pp. *1*613- e ss., que dá o *Tratado* como recopilación feita por S. Pedro de Alcántara e por ele intercalada de alguns trechos originais. O apaixonado problema versa todo ele à volta do que se entendia no século XVI por «autor de um livro», e não interessa no assunto em que estamos. Original de (S. Pedro de (Alcántara ou recopilado por ele de outros livros, o *Tratado* dá o método de oração que o Santo praticava e aos outros aconselhava. A edição de Lisboa foi criticamente datada por León Amorós de 15516 ou 15.'57. Poder-se-ia discutir se o texto da edição de Lisboa substituiu, no todo ou em parte, outro mais antigo tipograficamente publicado ou manuscrito^ e talvez então a discussão pudesse aqui interessar, porque dela poderiam crescer suspeitas de que o Santo mo seu estágio de Palhais em 111542-1543 teria deixado aos noviço® da (Custódia um diretório de oração parecido ao que o *Tratado* depois desenvolveu, e nesse caso muito maior do que comumente se pensa teria sido a influência do Santo na Custódia. Como achega para a discussão, recordarei o que escreveu !fr. José de Jesus Maria na dedicatória da sua *Instrucçam de Noviços da Provinda de Santa Maria da Arrábida*, Lisboa 1757: «unicamente encontrou nos archivos da sua pobreza hum pequenino quademo de manuscrito, que contém aqudles rudimentos da Oração mental, que o V. P. Fr. Martónho de Santa Maria, Fundador desta santa (Provincia, aprendeo». (E acrescenta que vai oferecer aos seus noviço® « hum abbreviado manual daquelles rudimentos, com que o V. P. Fr. Mairtimho de Santa Maria, f undador desta santa Provincia, e iS. Pedro de Alcántara criavão aos seus Noviços no santo exercicio da Oração» (*Jb.*, p. 8).

criação por ver a sua¹ fé ou a vivência cristã resultante desse esforço. E são de -considerar nela a doutrina cristã 'enquanto programa de vida para o homem, os processos®, «artes», «caminhos» ou «vias» a (trilhar no 'esforço de viver essa doutrina, e a intensidade 'e forma como a doutrina é vivida.

Esta definição não será melhor que outras, mais repetidas e talvez de maior aceitação, como estas, por exemplo, a espiritualidade é a vivência da perfeição cristã ou a vida de união com Deus. Todavia parece 'de preferir; à -uma porque fundamentalmente equivale às demais ou delais se -aproximai, -dada a relação existente entre doutrina cristã, perfeição -cristã -e união com Deus; à outra, porque realça e valoriza o que a espiritualidade supõe de 'esforço no homem para viver a doutrina cristã e para se sustentar nessa vivência, e ajuda -desta forma a arredar -confusões que são frequentes. Desde que fica assim -definida, nunca a espiritualidade poderá ser reduzida à prática da oração mental metódica ou aos actos de piedade e devoção nem confundida com as fruições passiva® do® convívio® com Deus, pois será sempre a escese ou esforço feito pelo homem para que todas as suas acções® se pareçam com a® acções de Deus, toda a sua vida seja imitação 'da vida de Deus, ou para que ele, o homem, restaure em ®i a vera áma-gem -de Deus que o pecado original desfigurou.

Com a espiritualidade o homem abre a vida para uma nova dimensão, a dimensão religiosa ou divina, e entra a gozar a alegria de, mesmo na sua fragilidade, colaborar com Deus nos trabalhos da redenção. E é por isso que, 'entre as sua® actividades, a 'espiritualidade é das que melhor lhe medem a grandeza. E colorida como anda com a® cores de cada momento histórico, das inquietações e culturas -circunstantes, define uma época e um ambiente social tão bem ou melhor que a filosofia ou a arte com a® quais se aparenta. Três comportamentos -do homem a respeito da sua -ânsia -que ra-la, de sondar os segredos -do mundo e -da vida: reflecti-los para compreensão, na filosofia; senti-los nas suas maiores funduras, com a arte; -comungar em vida com o que neles se adivinha -de transcendente e divino, na 'espiritualidade.

(Foi®, entendida® -a® -coisas -desta forma, para se avaliar -da¹ espiritualidade de S. Pedro de Alcântara há que atender não apenas aos métodos® de oração que praticou e aos êxtases que muitas vezes o arroubaram, -mas ao conjunto todo da sua vida: às verdades cristãs que mais lhe prenderam a atenção, aos caminhos ou via® a que se

meten para as transformar iem vida, >e aios socorros 'de que para tanto se valeu. Os contemporâneos, no espanto <da sua corajosa penitencia e dos arroubamentos em que o viram abismar-se, esqueceram-se de contar e anotar outros aspectos do seu viver quotidiano 'essenciais para se lhe completar o retrato; e os biógrafos, depois, mão dispuseram de informes suficientes para lhe restaurarem, completa, a figura¹ da alma ou da vida. Podia, por isso, parecer que ainda hoje o não conhecemos bastantemente para lhe definir e apreciar a espiritualidade. Todavia não é bem assim. Nas cartas que «ele 'escreveu, nos Estatutos que redigiu para as Províncias de S. Gabriel 101540), de S. José (1561), e também da Arrábida (<1*5142), no *Tratado do la Oración y Meditación* que publicou para ajudar os fiéis nos caminhos da vida espiritual, há quanto basta para, a leste respeito, preencher as lacunas dos biógrafos.

Dem aproveitados todos os recursos de que dispomos, do lesto deles tem ide concluir-se que S. Pedro de Alcântara mão viveu nem ensinou uma espiritualidade originalmente sua. No lastro e linhas mestras, a sua espiritualidade foi simplesmente a espiritualidade cristã, no feitio e molde como a viveu S. Francisco de Assis e a restauraram e a sustiveram os sucessivos movimentos de reforma Franciscana chamados dos Espirituais, dos Observantes e dos Capuchos ou Descalços, quer na forma 'superlativa apregoada para' os frades, quer na forma esbatida da catequese para o comum dos fiéis.

E para melhor se compreenderem as suas características, uma digressão a apontar rãpidamente como ela nasceu, medrou e se tornou vida 'exuberante. A erudição, tanta dela, teima em que se hão de descobrir raizes e seiva germãnicas em todos os movimentos de espiritualidade cristã da» Europa medieval e renascentista. For força¹ que as maiores funduras do pensamento hão de ser reservai para¹ a inteligência germãnica, pois só ela nesses abismos se orienta. Dado, por 'exemplo, o ciclo .magnifico de espiritualidade e mística hispãnicas do século XVII, mais não há que descobrir como foi que lá do Norte desceu toda aquela inspiração. Andam por aqui preconceitos de hegemonias, sobre os quais é preciso prevenção. iSemelhanças que se observam na vasta cristandade europeia feita de desvairadas gentes, não são originalidades de um grupo predestinado que pôde impor-se, são, sim, resultantes de síntese ou fraternização de feitos vários de pensamento, pois a cristandade ou tem de «chegar a ser isto ou nunca será nada, â fraternização na Fé que se fia«z caridade ou vida-

Procuremos, portanto, encarar sem preconceitos a espiritualidade de S. Pedro de Alcântara¹ e ver como ele a construiu.

O feito da espiritualidade de S. Francisco de Assis tem as marcas do seu tempo (2^a). Desde o século XI sobretudo, muitos cristãos se escandalizavam das fomes de poderio e riquezas em que se desenfreava a cristandade, e gritavam alto, a exigir reformas. A Igreja, como historicamente se vinha processando, estava a decair numa sociedade confinada nas fruições d'este mundo. Havia que acordá-la para os rumos largos da eternidade, despertar em todos os fiéis, clérigos e leigos, um paladar capaz de apetecer e saborear as fruições da vida divina que é a bem-aventurança do convívio -com Deus em graça. E porque dos seus gritos não resultavam emendas, muitos, enraivados, desvairavam para práticas revoltadas de pobreza e eivadas de heresia e desespero (cataros, patarenos, albigenses), outros ensimesmavam-se em cándidas esperanças de uma nova redenção a realizar pelo Espírito (Santo joaquimitas).

S. Francisco teve o condão de acertar no modo de comedir dentro da ortodoxia e de reverência ao que a Igreja tem de divino», aqueles protestos e esperanças ingénuas, iniciando e orientando um movimento de reforma que foi um passo corajoso na espiritualização da cristandade enraizada no mundo das fomes que são o pecado original. E foi assim:

Entrou S. Francisco na intimidade de Cristo Senhor. É no diálogo que ambos travaram, notou ele, o Santo, que as falas de Jesus saltavam, vivas, tais quais, da Doa (Nova d'Ele que os Evangelistas recolheram em seus Evangelhos, e S. Paulo em suas Epístolas comentou. Afinal o Evangelho não era uma história envelhecida de séculos, mas Jesus, vivo, a falar aos homens de todos os lugares e tempos, concluiu S. Francisco na primeira grande descoberta que em sua vida fez, e da qual tudo mais derivou.

E ouviu Jesus repetir o programa do seu divino apostolado, a de e aos clérigos de todos os séculos: Como o Pai me enviou a mim, eu vos envio a vós. Haveis de ir sem dinheiros, nem alforjes para* o viático, inem cuidados de passadio. Só a túnica pobre que lleváis ves-

i(2^a) (Para compreensão da espiritualidade de S. Francisco, veja-se Hilário Peldier, *Os Ideias de São Francisco de Assis*, (Fetrópolis 1926; F. Félix Lopes, *O Poverello S. Francisco de Assis*, Braga 191511; e outros biografias do Santo.

tida e ia 'mensagem de redenção que ides a anunciar: «Vem a vós o Reino de Deus ; itodo o cuidado de cada um seja apropriar esse Reino, porque tudo o mais será dado por sobre-acrécimo». Oaiviu-O a pregar no Sermão da 'Montanha ia felicidade, ia. bem-aventurança do Reino. Os ouvidos fruiidores dais alegrias do mundo podem escandalizar-se, mas eis a verdadeira Alegria que não morre: Bem-aventurados, felizes, os -pobres de espírito, os que sofrem e choram, os pacíficos e misericordiosos, os que assim se redimem no desapego dos bens do mundo, no desapego dos gozos da vida, no desapego dos seus egoísmos, soberbas e vaidades, os que vendem tudo o que possuem para comprar o tesoiro lesconidido do Reino de Deus.

Ouviu, e não se foi dali a comprar manual de estilística para decifrar aquelas figuras de retórica, mas creu e praticou.

iE ©entoure, atento, a escutar a catequese de iS. Paulo: (Cristo é Deus que ©e fez homem e morreu nas dores da paixão. No homem há alguma coisa que não vale, e é preciso que morra. Um pedaço dele tem de morrer, paira que o outro ise restaure e viva. Deus criou o homem imagem sua para conviver com Ele em vida divina de graça e bem-aventurança. Um desvairo de orgulho destroçou a* obra de Deus, e fez o homem pecado. Cristo vestiu-se do homem pecado, e o pecado subiu com Ele à cruz e com Ele morreu. E Ele ressuscitou, mas o pecado não ressuscitou com Ele. Quem se baptiza em Cristo, morre com Cristo na cruz, e ressuscita com Ele para¹ a vida nova sem pecado, que é a vida do Reino de Deus.

E magoada a alma com os protestos então gritados por muitos contra os abastardamentos em que decaía a vida cristã afogada nos cuidados e fomes de poderio e riqueza, nos 'egoísmos e prazeres, e magoado mais ainda com os protestos da pobreza vivida por outros com raiva e heresia, S. Francisco todo ©e fixou no desprendimento de Jiesus desde o iPresépio ao Calvário, o absoluto desprendimento das fruições do mundo, para» só descansar por completo na. vontade de seu Pat. E a imitar fez da Pobreza de Jesus o ©eu programai de vida: Cristo Redentor para a ©ua devoção e piedade; e para o mais, a vida penitente da Pobreza que liberta e que redime o homem dos egoísmos e concupiscências e o ajuda a acertar-se com a vontade de Deus. E à regra de vida que rascunhou para ©i e seus frades ⁽²⁹⁾, carre-

(29) O documento basilar da vida franciscana, e portanto da sua espiritualidade, é a *Regula et Vita Minorum Fratrum* confirmada pelo papa Honó-

gou-ilhe os capítulos com urgências de «oração ie 'devoção à quial todas tais demais coisas devem servir» e com ja< Pobreza* penitente no vestir e descalcez, nas casas reduzidas a poisadas de pobres peregrinos, nas caminhadas a pé <e sem viático, na «mesa do Senhor» para o pão nosso de cada dia. E com a ¡Pobreza que liberta e a devoção que se entrega a IDEus, encheu-se-lhes a vida, ia ele e a seus frades, do zelo do apostolado, ou seja daquela Caridade que é consumir-se alguém nos trabalhos de ajudar os outros a servir, a amar a IDEus.

E assim nestes três pilares sustentou S. Francisco o edifício de espiritualidade que viveu e ensinou: a ascese da Pobreza penitente na forma 'e letra como a pormenorizou na 'Regra e exemplificou no comentário dela que foi a sua vida; a oração e devoção a que 'tudo o miais havia de servir, como espontâneamente ele a praticou e S. Boaventura depois teorizou iou científicamente lestruturou *em seus tratados de vida espiritual; e a caridade no seu modo divino que é ajudar os homens, fiéis e infiéis, a amar a Deus, ou seja o zelo do apostolado missionário na conquista dos homens todos à plenitude da luz e graça redentora.

ia 'Ordem de ¡S. Francisco não se aguentou na 'espiritualidade tão alta da letra austera da Regra do Fundador, e por diversas vezes a Santa (Sé acudiu a interpretar oficialmente ou autênticamente explicar a mesma Regra, dispensando o mais duro dos seus rigores. Todavia, séculos fora, foram sempre surgindo zelantes que fundaram institutos de reforma, nos quais os frades voltavam ia viver a espiritualidad e franciscana nos rigores todos da letra da Regra, sem glosas nem explicações autenticais de dispensa. Reformas, portanto, no sentido que a palavra tem, segundo os elementos que a compõem: a volta ià forma que foi amtes, ou seja à forma de vida que IS. Francisco viveu.

XJm desses zelantes foi fr. João de Guadalupe i(T450->l:505) (30),

rio iIII em 29 de Novembro de (112'23 pella bula *Solet annuere*. (Publicam-oía todas as coiecções documentais da Ordem franciscana. Em tradução portuguesa publicou-a fr. 'Marcos de (Lisboa, *Primeira Parte das Chronicas da Ordem dos Frades Menores*, Lisboa T5'06, no livro 2.º, cap. >8; e depois muitas vezes foi reeditada, quer avulsa quer a abrir às muitas (Exposições que dela se fizeram para utilidade dos frades.

1(30) (Biografia de fr. João de Guadalupe, em fr. Manuel de Monforte, *Chronica da Provinda da Piedade*, Lisboa 17!5'1-, pp. 1504153 e passim; Fidel

que em 1496 alcançou autorização pontifícia de fundar Instituto de Reforma franciscana no reino de Granada ainda bastante islamizado, porque só de há pouco fora integrado no reino cristão de Castela, ia fim de nele missionar. Conforme o IFAIPA aprovou, o programa de vida para os frades da Reforma -era «viver na pura observância da Regra de S. Francisco e segundo o modo de vida do mesmo Santo, usando o hábito com o feitio que ele usou». Impedida, porém, a fundação no reino de Granada, fr. João de Guadalupe estabeleceu-se na Estremadura espanhola. E a sua Reforma, primeiro chamada do Santo Evangelho e depois dos Capuchos (em Portugal) e dos Descalços (em Espanha), vencendo dificuldades, foi-se estendendo também por Castela e terras de Portugal, até formar duas Custódias em 1609, já o Fundador tinha morrido, a da Estremadura em Espanha e a da Piedade em Portugal, depois ambas elas elevadas a Províncias, a da Piedade em 1517, e a outra em 1519 com o título de S. Gabriel.

A espiritualidade nesta Reforma Capucha era a que S. Francisco consagrara na letra da Regra, e com seus Companheiros vivera: a Pobreza penitente, a oração e devoção, o zelo do apostolado missionário, como a Regra desenvolvimento regulamentara nos seus preceitos a observar a letra sem glosa. Não se aceitavam nenhuma das explicações que os Papas em suas Letras Apostólicas lhes haviam dado a adaptá-la às circunstâncias que surgiam, ou a relaxar nela», como de outra forma se dizia. Não se aceitavam outrossim os Estatutos Gerais da Ordem, quer os dos Claustrais quer os dos Observantes ditos Estatutos de Barcelona na parte em que codificavam as ditas dispensas apostólicas ⁽³¹⁾. Para explicar a Regra, a mais

de Legarza, *Orientes de la Descalcez Franciscana*, em AIA, 2-2', pp. 15 e ss. 'A pp. 310-318 traduz trechos da bula *Sacrosanctae Militantis Ecclesiae* de 125) de Setembro de 1496 que aprovou a Reforma.

⁽³¹⁾ Os Estatutos e Constituições da Ordem regulamentavam o texto da Regra conforme tais explicações e interpretações dispensativas dos Papas e codificavam a legislação dos Capítulos Gerais. Os Claustrais ou Conventuais tinham Estatutos próprios, muitas vezes readaptados pelo tempo fora. Os frades da Observância tinham outros, diferentes os da Família Cismontana (os frades que viviam para além dos Alpes) dos da Família Ultramontana (os frades que viviam para aquém dos Alpes). Os da Família Ultramontana, chamados *Statuta Barchinonensia* porque publicados a primeira vez em 1145.1 -num Capítulo celebrado em (Barcelona, haviam sidio revistos e adaptados em Capítulos sucessivos.

-do [Evangelho, so o Testamento do mesmo S. Francisco⁽³²⁾ e a vida dele -como a tradição dos Espirituais ia transmitira e a contava o *Floreto* que corria publicado em tradução castelhana⁽³³⁾, e os regulamentos e ordenações peculiares com que a Reforma ia concretizando a crueza toda dos preceitos da Regra, sobretudo os da Pobreza, e que já formavam um corpo de Estatutos em iH501>⁽³⁴⁾.

Era, portanto, uma 'espiritualidade positiva, robusta, realista neste sentido: não se iludia niem com prematuras angelizações do homem neste mundo, nem com os desesperos de quem julga mais

(32) O «Testamento de S. Francisco» teria sido ditado a fr. Leão por S. Francisco nas vésperas de morrer. Texto exigente e imperativo, desassossegou os frades; e muito se questionou -sobre o seu valor desde que h-avia -a Regra confirmada pelo Papa. Gregorio !IX pela bulla *Quo Elongati* de 2'8 de [Setemhro de 12130 declarou-o não obrigatório, mas o® Espirituais sempre depois o consideraram comentário autêntico da 'Regra ou sua vera interpretação. Também em tradução portuguesa o publicou fr. Maroos de Lisboa, *Primeira Parte das Chronicas da Ordem dos Frades Menores*, livro '2, cap. 618.

(33) *Floreto de Sant Francisco*, Sevilha 1'492 não corresponde exactamente às *Fioreti* ou «Plorimbas de iS. Francisco e seus frades», mas é 'antes uma compilação de textos de vária procedência. iCompõe-se de 17 capítulos com «iAlgunas cosas de los fechos del muy bienaventurado nuestro .padre 'Sant Francisco e de algunos frayles e compañeros suyos», mais 150 capítulos sob a epígrafe: «tAqui comiença el espejo de perfection de los Fraÿl-es [Menores», e depois alguns trechos sobre vários frades -antigos. -Desta tradução castelhana conhece-se ao presente apenas um exemplar na Bibl. ÍNac. de Madrid, com sig. I, i2'3li6. Na BibiL Nac. de Lisboa havia também exemplar que Marcelino da Ovezz-a aí manuseou nos meados do século passado, segundo informa na edição que fez do *Orbis Seraphicus, de Missionibus*, 2, Quaracchi 187-1-; p. 778 (veja-se Andrés Ivars, *Una versión castellana de la «Leyenda de San Francisco» y la «Crónica de los XXIV Ministros Generales»*, em AIA, Hi8 (Madrid 19'2'2')i, pp. 252-266). José M. Elizondo, capuchinho, projectem reeditar este *Floreto*, mas julgo que não realizou o projecto.

i(34) Os Estatutos, nas Reformas, regulamentavam praticamente a Regra na forma austera da tradição dos Espirituais. 'Nos princípios de 1501 fr. João de Guadalupe -reuniu os superiores da sua Reforma e com eles assentou numa ordenação de vida ou Estatutos, cujo texto autêntico se desconhece. Todavia os antigos cronistas deixaram o resumo deles (veja-se João -Baptista Moles, *Memorial de la Provincia de San Gabriel*, Madrid 1592, ff. 13, 26 v-2>8; fr. Juan de la Trinidad, *Chronica de la Provincia de San Gabriel*, Sevilha 155)2, pp. 35>-37. Arcángel Barrado, em AIA, 22, pp. 5312-537, publicou o resumo dado por fr. João de la Trinidad^ num quadro sinótico dos Estatutos dos Desoaiços de Espanha).

não poder que abandonar-se ao que vier, mas atirava-se, com certeza da vitória, ao «despojarle do homem velho que as fomes da sedução corrompem» e ao «revestir o homem novo criado à imagem de Deus na justiça e santidade verdadeiras», para usar a linguagem difícil de 'S'. Paulo ⁽³⁵⁾. O (Capucho crucificava o «homem velho» com os trabalhos da ascese; e, morrendo assim com Cristo na cruz, ressuscitava para vida nova de justiça e caridade. E a 'Regra e Estatutos esmiuçavam-lhe tais obrigações de ascese: (Tinha de viver pobre como os que não têm nada; andar descalço, com os pés nus pelo chão; vestir apenas um hábito do burel grosseiro usado pelos mais pobres, estreito, curto, remendado; poisar em casas tão pobres como os tugúrio® dos pobrezinhas; dormir em tarimba sobre cortiça ou tábuas®, e só por curtas horas; comer de esmola como os pobres, e jejuar mais de metade do ano; ilongos retiros, e depois pelos caminhos sempre a pé e è intempérie mas andanças do apostolado. Acreditava que esta «ginástica» robustecia o 'espírito, que os actos e atitudes criam ideias-forças ou, na exposição paradoxal de filosofia® mais modernas, que é fugindo que vem o medo ao homem e que té tomando água-benta que ibe vem «a Fe.

Cultivava a oração e devoção como a Regra impunha e os Estatutos concretizavam. De noite e de dia- as horas do Ofício coral, recitado com pausa e meditado cada verso, ou cantado mas na forma «pobre» do canto chão e baixo. O retiro a temporadas como (S. Francisco e Companheiros haviam praticado nos Cárceri, na ilha- do lago Trasimeno, em Grécio, Fontecolomibo, Monte Alverne; nunca, porém, o eremitismo por profissão, pois a Reforma se fundara para catequizar o reino de 'Granada; e ise neste ponto o seu projecto se frustrou-, para outras terras correram logo os Capuchos, a andarilhar em missão a® Américas 'espanholas, a® Filipinas, Japão e China. A oração-meditação em comum duas horas e meia cada dia, no modo como S. Boaventura ensinava nos seus opúsculos *Lignum vitae*, o *Stimulum amoris*, o *De triplici Via*, e outros itinerários da alma «vers la paix de l'extase dont S. François est le parfait modèle», na frase feliz de E. Longpré ⁽³⁶⁾, e como seus discípulos desenvolveram na vasta- literatura 'espiritual que desabrochou

⁽³⁵⁾ Efes. 4, 22-24.

⁽³⁶⁾ E. Longpré, *Saint Bonaventure*, em «Dictionnaire de Spiritualité» publié sous la direction de V. Vemet, 1 ('Paris ISO?'), coll. 1?6S-il?7S13.

à volta dias *Meditationes Vitae Christi*, obras testas mtão 'profusamente espalhadas' em edições espanholas e estrangeiras ⁽³⁷⁾.

E não há razão nenhuma que obrigue a ir desencantar origens e inspiração, para 'esta espiritualidade capucha, em Itália ou inoutra região' ⁽³⁸⁾. 'Nasceu autónoma da tradição franciscana positiva como os «Espirituais» 'dos sucessivos tempos a iam conservando «em vida latente. Acontecimentos e circunstâncias várias, em dados momentos da historia, sacudiram testa tradição, e foram assim borbotando ais Reformas, todias elas com o mesmo ar ide família, mas autónomas. A Península Hispânica foi fêtil niestes surtos de espiritualidade: os eremitorios 'dos fins' do século XIV que se foram confederando no que oficialmente se chamou a Observância ⁽³⁹⁾, a

⁽³⁷⁾ Na espiritualidade de S. Francisco, como já se disse, teve parte grande a «oração e devoção» toda ela concentrada <à volta de Jesus Cristo Deus e Homem. IE porque foi esta, assim, a oração que ficou na espiritualidade franciscana, daí a abundante literatura que foi aparecendo a desenvolver o tema da 'Vida de Cristo. Nessa ;Literatura, a obra de mais voga e influência foram as *Meditationes Vitae Christi* atribuídas a S. IBoventura e muitas vezes publicadas em duas recensões, uma mais extensa e outra resumida. A crítica moderna provou que o seu autor não foi S. IBoventura, mas sim frade franciscano dos principios do século XXV, talvez fr. João de Caulibus. Veja-ise ILivário Oligier, *Le Meditationes Vitae Christi dei Pseudo'Bonaventura*, em «iStudi Francescani», 7 e 3 i(Arezzo 19'2'1-r9'2:2) e separata. Sobre edições espanholas de opúsculos espirituais de S. Boventura ou a ele atribuídos, veja-se Atanásio López, San *Buenaventura en la bibliografia española*, em AIA, 1'5 (Madrid 1'9!2H), pp. '34!2-3'9'9. Pella abundância das edições feitas nos fins do século XV e principios de XVI, se ipode calcular a influência de S. Boventura na espiritualidade espanhola e portuguesa, dada a comunidade do mercado de 'livros na 'Península Hispânica de então.

⁽³⁸⁾ Como se criou a ilusão, já referida, de que as funduras do misticismo e espiritualidade são reserva dos povos nórdicos e neles por isso se há-de procurar a inspiração dos grandes movimentos de espiritualidade europeia, asslim também cresceu e alastrou em muitos a tentação de descobrir origens italianas em certos coloridos que no rodar dos tempos a mesma espiritualidade 'europeia tem tornado. Talvez também neste ponto haja excesso de análise. No largo panorama da vida e cultura europeia há um nítido fundo oomum de doutrina e emoção religiosa, nascido que mais não fosse da meditação em comum de um só texto que é a Sagrada Escritura. O facto de se encontrar mais repuxado, em autor italiano, certo colorido de espiritualidade, pode significar apenas que esse autor soube dar maior relevo literário a determinado sentimento.

⁽³⁹⁾ iSobre o movimento geral de espiritualidade que sacudiu a Ordem Franciscana na segunda metade do século XIV,, e deu os numerosos eremitérios

Reforma de Villacreos nos princípios do século XV que também se dissolveu na Observância; a Reforma de fr. Juan de la Puebla começada em 11487 com a criação da custódia dos Anjos nos recessos da Serra Morena¹; e em 1496 a* de fr. João de (Guadalupe ⁽⁴⁰⁾). E não se vê que o esitágio de fr. João de (Puebla nos eremitorios da Umbria em Itália ou a passagem por Itália de fr. João de Guadalupe, quando foi tratar da aprovação da sua Reforma, imprimissem especiais marcas italianas: nas Reformas que fundaram. Semelhanças que se observam, são resultado do ambiente comum de espiritualidade, mantido uno por toda a parte pela base una em que assentava— a Regra de S. Francisco—, comentada ou explicada de uma mesma maneira pelo Testamento de S. Francisco, pelas biografias da inspiração dos Espirituais, pelo *Floreto*, pelos opúsculos 'espirituais de S. Boaventura. (Por toda a parte se contavam do *mesmo* modo as intromissões -do demónio na vida dos frades, o modo como vinha no *Floreto*; por toda a parte se improvisavam ermos iguais aos -dos Cárceri do *Floreto*, onde os frades se retiravam a (temporadas; por toda a parte os frades tinham as visões que S. Francisco tivera na)Porciúncula ou no Alverne como o *Floreto* as recordava, e des/abafavam 'em cânticos 'de amor -de IDeus e caridade como S. (Boaventura ensinava, não se importando de, para tanto, apropriar ilos que o povo cantava ou páginas de livros que por toda a parte corriam a dar verbo ou expressão a uma espiritualidade que era comum >(41).

Por isso foi nesta espiritualidade da Reforma 'Capucha de fr. João de Guadalupe que S. Pedro -de Alcântara educou a alma e moldou a vida. Em 1516, com 16 anos, acolheu-se ao convento de Maja-

que por toda a parte pulularam, independentes, e se foram depois organizando no que se chamou ia (Observância, não há, que me conste, publicada qualquer exposição de conjunto. No que respeita a Portugal^ ainda boje a exposição -mais completa (é a de fr. (Manuel da Esperança, *Historia. Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na (Provincia de Portugal, Segunda Parte, que contem os seus progressos no estado de tres ! Custodias, principio de Provinda e Reforma Observante*, Lisboa lliôfôo.

i⁽⁴⁰⁾ (Para a história destas (Reformas Franciscanas espanholas, vejam-se estudos vários publicados no (ATA, JI(7-1-8 '(Madrid, !19i57-.l(9'5i8i)

(41) Fdi assim que, por exemplo, S. Pedro de Alcântara apropriou a «Petición del amor de Dió-s» de fr. Francisco de Osuna, *Tercer Abecedario*, cap. 2v >e a insetou no oeu *Tratado de la Oración y Meditación*, Parte 1, cap. So.

retes, lencostado num monte «a poente de Valência de Alcântara», e ali demorou o ano de iniciação religiosa que se chama noviciado. O mesitre dos «noviços «explicou-lhe as regras da vida (espiritual e o modo ««capucho» «de as «cumprir a reforma. Tíentos usados, a Regra e Testamento de S. Francisco e os Estatutos da Reforma. Livros para exemplificação e comentário, o Evangelho no seu texto próprio e várias «Vidas de 'Cristo» tão profusamente editadas, as biografias de S. Francisco no feitio dos Espirituais como eram o *Liber Confortatum* »de fr. Bartolomeu de Pisa e o *Floreto*, e os opúsculos espirituais de S. Boaventura, estes como aqueles muito espalhados e publicados. O progredir do Instituto »dai Reforma sempre a alastrar até mais longe —nobres que pediam 'Capuchos para em suas terras fundarem, eremitorios que por toda a parte cresciam, contradicções e 'dificuldades que se iam vencendo— todo «este progredir que chegava num rumor ao eremitorio sertanejo de Majaretas, puseram a alma do noviço a «escaldar de «entusiasmo, segundo se vê da vida animada «em que logo «entrou e na qual perseverou.

Feita a profissão religiosa ao fim do noviciado, o Santo —assim reza a tradição e «em parte confirmam testemunhas sérias como Santa Teresa de Jesus «(42)» começou de colaborar activamente nos trabalhos »de fundação de eremitorios, ao mesmo tempo que na austeridade dos jejuns, nos retiros e modéstia penitente, no suportar os rigores «da intempérie, «endurecia o «corpo e robustecia a vontade a ganhar posse de si e coragem' para transpor dificuldades. Ordenado sacerdote, deu-se ao apostolado, no feitio simples que ÍS. Francisco praticava: a conversa de catequese e piedade nos encontros da «rua, nos ajuntamentos festivos, ao serão nos solares dos nobres, nas «ermidas e nos púlpitos das igrejas quando o povo acorria. Os biógrafos já «desde «então lhe maceram de penitência o aspecto, e não «há que desmenti-los. Mas não «era a penitência agressiva, m'edonha, que afugenta., «era «a penitência séria, convicta, a procurar o sentido «certo da vida, uma penitência que começava por infundir respeito e «acabava «por criar «confiança. Estimavam-lhe o

(42) «Na obra literária de Santa Teresa de Jesus, sobretudo na sua auto-biografia *(<La Vida de la Madre Teresa de Jesus), há bastantes referências a S. Pedro «de Alcântara. Pois os dois Santos um com o outro tratavam assuntos de espirito, tais referências são dos «testemunhos mais seguros para o conhecimento da espiritualidade de 'S. Pedro de Alcântara.

convívio os grandes 'da nobreza e da Igreja. Desde cedo os¹ (testemunhos de imais garantia o mostram familiarizado com uma roda muito grande de devotos e amigos (43).

E também os confrades lhe apreciaram a equanimidade de alma, o senso e coragem das realidades; e, esperançados, associaram-no no governo da Família como definidor em 1605, e depois, em 1608, pusieram em suas mãos os destinos da sua Província de S. Gabriel, e'legendo-o Provincial. A Província saíra da crise em que a prática da Pobreza se tinha esfriado. Assim parece dever concluir-se do facto de ele ter reanimado a (Reforma com Estatutos da sua autoria que fez aprovar na congregação intermédia de 1540. Eram no essencial, às vezes na mesma letra embora noutra ordem, os Estatutos publicados na Reforma em 1601!⁽⁴⁴⁾. Se fora preciso publicá-los outra vez na ocasião solene de uma (Congregação, é porque tinham caído em desuso. E o Santo, restaurando-os assim ma crueza da sua letra, mostrava como trazia o espírito dominado pella espiritualidade que eles supunham, uma espiritualidade realista', toda ela assente na ascese agreste da Pobreza- penitente. Nota pequenina que neles acrescentou, melhor ainda o confirmam. Na meditação, reduzida a duas horas diárias, /«siempre preceda la lección a la oración», preveniu ele, não fosse suceder que a meditação descaísse para o sonho e a ilusão. A espiritualidade que apregoava e vivia, havia que conservá-la indemne dos iluminismos e alumbramientos a alastrarem pela- Península' ;Hispânica, nos quais se canonizava de inspirações carismáticas, de manifestações, de místicas imanências, os resmungas e ralhos atirados contra práticas e doutri nas da Hgreja. Prendia, por isso, a m ed itação m a objecti vi-

ⁱ⁽⁴³⁾< 'Os lantigos biógrafos do ;Santo repuxam a tal volume os seus retiros de oração e penitência, que o leitor, 'estonteado, quase nem adverte no seu convívio social. Todavia ais cartas dele, tantos factos certos da sua vida, breves parágrafos já publicados das informações de contemporâneos seus nos 'Processos da sua Beatificação e Canonização, transformam-no por completo niium homem de convívio estimado e procurado.

⁽⁴⁴⁾ Arcángel Barrado, no trabalho tantas vezes já citado 'e publicado em AIA, 2'2\, /a pp. 5(3'2-5'3'8i, em quadro sinótico com os Estatutos da ;Reforma Capucha de 15>0U? e da Província de S. José de 15<61y publicou estes Estatutos como os encontrou em cópia quinhentista desta maneira 'anotados: «Ordenaciones de la Provincia ddl año 154(0, era fr. Pedro, de Alcántara Provincial, y 'Capitulo Intermedio de Plazenda».

da-de da lição de qualquer das «Vidas de Cristo» que corriam impressas ou de tratado dos Novissimos (la «pena e a gloria», o tema dos sermões recomendados por S. Francisco), como depois consignou no directorio prático da meditação que é o seu *Tratado de la Oración y Meditación*.

Aliviado do governo da Província de S. Gabriel em 1541 e chamado à Arrábida pelo duque de Aveiro, soube aproveitar-se do prestígio de fr. Martinho de St.^a Maria, na sua vida de eremita contemplativo e penitente, para sobre «ele erguer novo Instituto de Reforma franciscana. Os Estatutos que para tal Reforma inspirou, no resumo que deles deu fr. António da Piedade, vão na mesma buha da» espiritualidade objectiva e robusta, característica «dos Estatutos feitos antes para a Província »de (S. Gabriel e idos que »depois «ordenou para a «Província de »S. José »em Castela. No modo como ordenavam a vida dos frades, «deviam «andar muito perto da -letra «destes últimos. 'Carregada a prática «da (Pobreza nos 'hábitos feitos do iburel mais pobre e variegadamente remendados, o capuz piramidal «dos capuchinhos, a descalcez completa, a tarimba de cortiça «com manta só ino inverno, a parcimónia paupérrima no passado, os eremitorios que chegaram a ter o aspecto troglodita de Santa Cruz da Serra de Sintra. Mas era um eremitismo e retiro só praticado a temporadas, como o de S. Francisco no Alveite, ou então reservado a vocações »excepcionais. No mais, o apostolado promovido desde o princípio nos «conventos multiplicados à volta de Lisboa pana 'escolas «de espiritualidade ou centros de irradiação religiosa, à margem «dos povoados sim, mas longe também das solidões da serra.

E depois «foram uns poucos 'de anos assim: um pé na sua Província «de S. Gabriel, e outro logo por terras de Portugal e pelos conventos da Custódia «da Arrábida; a« atenção sempre cá e lá, a manter e afervorar «esta espiritualidade em que se lhe consolava' a alma.

Não se sabe quando foi que S. Pedro de Alcântara' atirou a público o já citado *Tratado de la Oración y Meditación*, como nada se sabe da história desse seu livrinho até à «edição «de 1556 ou il 557 feita em Lisboa. Não importa aqui discutir se ele é original do Santo ou recopilação de trechos de outrem. Original ou recopilação, é «do mesmo modo o compêndio ou directorio pelo qual o Santo quis ensinar aos fiéis a prática da oração mentada metódica, expondo

niaturalmente o método que por «experiência pessoal sabia ser eficaz. E já «daqui uma observação: S. Pedro de Alcântara não apresentou o «seu *Tratado* como 'Compêndio completo «de vida» espiritual ou «espiritualidade, pois nunca -ele idenfioou ou confundiu espiritual lida'de com oração. Espiritualidade aproxima-se 'daquilo que o (Santo chamou '«-devoción» e 'definiu com ,S. Tomais «una prompficitud y ligereza para bien obrar» (45). E ;nunca ele se canisou «de repisar por todo o livro que a oração é apenas um dos meios para se chegar à «devoción». E não se esqueceu 'de (explicar como, do mesmo modo, ajudam na espiritualidade '(ele diz nía «devoción») «das (asprezas y abstinencias corporales, la mesa pobre, lia -cama» dura, el cilicio y la disciplina» y otras cosas semejantes. IPorque todas estas cosas, assi «como nacen de la devoción, asi (también «despiertan, conservan y acrecientan la raíz de onde nacen. Ayudan finalmente las obras de misericórdia, porque acompañam nuestras oraciones con servicios, por que no se puedan llamar «del todo ruegos secos» (46). Como se vê, o (Santo ainda «em 161&7 continuava firme mia vivência de uma espiritualidade que assentava na Pobreza penitente e na 'devoção-oração, e toda se debulhava em zelo de apostolado.

Como à margem, outra observação sobre problemas difíceis suscitados ou suscitáveis à volta do *Tratado*. A edição miais antiga que dele se «conhece, a« citada' edição de Lisboa, <é do tempo em que oficialmente muito se suspeitou das doutrinas da contemplação expostas nos livros de vida (espiritual. Entre os livros proibidos pela Iriquisição de Espanha no *Index* de 156(9, figuraram o *Libro de la Oración* «de fr. Luís de Gramada e outros. O facto das suspeitas que já andavam no ar, com certeza obrigou ;S. Pedro de Alcântara a reflectir suas «doutrinas para com muita clareza se explicar. Oeste seu trabalho «deve ter resultado a lexposição equilibrada, exacta, que ele fez «no «Aviso oitavo» »do cap. 1(2 da Primeira Parte sobre a contemplação: «Quando el hombre, mediante el trabajo de la meditación llegare al reposo y gusto de la contemplación, deve por entonces cesar de aquella piadosa y trabajiosa inquisición, y, «contento con una simple vista y memoria 'de Dios, como si lo tuviesse presente, goziar de «aquello afecto que se le dá, ora sea de

'(45) .S. Pedro de Alcântara, *Tratado de la Oración y Meditación*, Parte I, cap. »1.

|(40> *Ibid.*, Parte II, cap. 2.

amor, atona sea de admiración ù de alegría ó cosa semejante». «Lo quel señaladamente se puede hacer al fin. die todo Ob exercicio, que es despues de la petición defl Amor de IDiós». 'Mas se tal afecto surgiu ao meio da meditação, nesta se deve fazer pausa «y gozar deste .beneficio», pana, '«acabado 'de deginir y gustan aquel bocado»* «bolber là nuestro trabajo» da meditação. A contemplação era para o Santo um beneficio que Deus concede para breve descanso nos trabalhos da oração, nos quais a alma se anima à vida espiritual.

¡Mas também já àquele tempo começara na* vida de ¡S. Pedro de Alcântara um período cheio de escuros e problemas. Depois do (Capítulo celebrado na sua Provincia de S. Gabriel em Outubro de 1564, entregou-se mais ao retiro e oração, primeiro em Santa Cruz de lais Cebollas ou Panlagua e idepois, >em 15(57, na enmidai de Palanoar cerca de Pedroso; e, autorizado pela ¡Santa ¡Sé, deixou a Provincia em que professara e passou-se à obediência do Mestre (Geral dos Franciscanos Conventuais. Alguém ou alguma coisa, com certeza, apoquentou o ¡Santo a ponto de ele sentir a necessidade de assim se libertar. À frente da Provincia o 'Capítulo de '1554, contra a vontade do Comissário ¡Genal fr. André 'da Insua que presidia, deixara fr. João de (Espinosa. De velha data a ambos os unia a amizade, e tanto que, ao final do seu governo (em 156'7., fr. João de Espinosa foi castigado, parece que por 'ter consentido na resolução do amigo (47). Impossível hoje sondar os motivos desta tragédia do Santo, recatadamente escondidos nais referencias coevas e nos artigos biógrafos. Que fosse o desejo de mais retiro, não explica.

:(47) A oposição de fr. André da insua à eleição de fr. João de Espinosa em 11664 e o caislfcigo que em 156(7 lhe infligiu fr. Cristóvão de Abrarates, presidente do Capitulo^ constam pelas Crónicas mais antigas e sérias (J. B. Molles, *Memorial de la Provincia de S. Gabriel*, fl. 244v, 245v). A amizade que S. Pedro de Alicántara dedicava a fr. João die Espinosa, conquistara a este amizades em Portugal, como se vê da carta da infanta D. 'Isabel ao (Santo, datada de 20 de Setembro ? de 155(1 adiante publicada em apêndice. IConserva-se cópia da seguinte carta que o rei iD. João III lhe escreveu: «Padre frey Joham dEspinosa. os Padres me deram vosa carba e disseram ao que vinham, aos quaes mandey Jogue dar despacho, como vos eles diram, com tam boca vomtade como he a muita devoçam que tenho a esa Provinçia. O que me dizeeys em vossa carta, tenho eu por muy çerfcto e volo agradeço muito. È porque os Padres sam os que vam, nam ha hy que mais vos dizer. ¡Scripta em ¡Lixboa. A (em branco) de Julho de 15'55. Rey». *Arq. Nac. da Torre do Tombo em Lisboa, Colecção S. Vicente*, 9, £1. /1-23.

Retiras ieram todas os conventos da Provincia' de S. Gabriel; e se é certo que S. Pedro de Alcântara por então frequentou, de facto, os retiras de Pamiágua e Palanoar, não e manias certa que foi então um dos períodos mais movimentados e activas na sua* vida'. E são os mesmos velhos 'escritores que o apresentam preso nos seus retiras, que andam com ele por então em contínuas visitas aos amigos devotas que precisavam do seu amparo espiritual e nos trabalhos do cargo que lhe foi posto de -Comissário 'Geral dos Franciscanos Conventuais de Espanha, a salvar os destroços da 'Custódia de SIS. iSimão e Judas dos Franciscanos Conventuais, que se desfazia desde que, no Natal de 1554, morrera em Arrifana de Santa Maria o fundador fr. João IPascoal, como de facto salvou, consolidando a Custódia de S. José sublimada a Provincia' em 1516;1<(47).

Mas deixemos -este campo onde só conjecturas muito precárias poderíamos avançar. É verdade que factos da qualidade destes que ficam apontados, por mais ricos de vida (a vida do homem vale como tragédia que é) são por isso mesmo mais ricos de ensinamentos. ©em conhecidos, muita luz poderiam projectar sobre a espiritualidade 'do 'Santo, mas no escuro em que os 'esconderam, por agora parece impossível decifrá-los. Atenhamo-nos, portanto, a outros documentos desta fase de vida dele, menos frementes mas mais seguras: os Estatutos que deu à (Provincial de S. José, quando foi da sua criação; a direcção espiritual dada por ele a Santa* Teresa de Jesús a aissossegar-lhe o 'espírito e a animá-la nía fundação da Reforma *do Carmelo; e as veladas acusações que se fizeram iàs suas actividades espirituais.

Os Estatutos 'dados por IS. Pedro de Alcântara em '15»6il à Provincia de (S. José, retratam, em 'compêndio, a espiritualidade que ele viveu e apregou até quase à hora de morrer i (49) (foi em 18 de Outubro de /15612 a sua morte). 'São uma recensão com muito poucos retoques de interesse '(quase só, carregada a pobreza na aceitação das casas por períodos de ano, e intensificada ai piedade

(48) iFr. iManuel de Monforte, i *Chronica da Provincia da Piedade*, pp. '384-3911, dá biografia de fr. João Pa'sooal e notícias da .Custódia de iS. iSimão na Galiza e iNorte de Portugal. Veja-se também Arcángel Barrado, em AIA, 2*2, pp. 496 e ®s.

>(49) Publicou-os Lourenço Pérez, *La Provinda de San José fundada por San Pedro de Alcântara*, em AIA, 17 (Madrid !'922'), pp. 155-115'9; e também Arcángel Barrado no AIA, 22 i(UG^{1^}), pp. 532-539.

com ia permissão 'da comunhão frequente) dos Estatutos que inspirara para a Custódia da (Arrábida, os quaiis, por sua vez, haviam sido recensão desenvolvida e levemente repuxada dos que havia ordenado para a (Província de S. Gaibriél «em il'540. ¡Segundo eles testemunham, o 'Santo conservou-se firme na espiritualidade em que •começara a sua vida, 'espiritualidade que toda tela arrancava da ascese do desprendimento ou ¡Pobreza penitente, e mela se firmava sem afrouxamento, porque, só a ela arrimado, o espírito se poderia suster e amparar. Uma espiritualidade que se conserva sempre em «via purgativa», atenta à realidade viva do combate que (é a vida, e não se deixa' adormecer inem nos sossegos ilusórios dos transe nem nos enganos dos iluminismos. Uma espiritualidade -toda' dinâmica, que foi até criar os zelos, cheios de pressas, das andanças herói-cãs de tantos frades que missionaram terras longínquas das Américas, das Filipinas, da China e do Japão f⁽⁵⁰⁾.

Para animar Santa Teresa na reforma do Carmelo, gritou-lhe iS. Pedro de Alcântara a coragem do Evangelho em carta- de 14 de Abril de 1'516121 (51). Arreceava-se a Santa, por motivo das sentenças dos letrados que -davam como impraticável, 'sobretudo por mulheres, a Pobreza- aconselhada e vivida por Cristo. E o Santo gritou-lhe a sua Fé de que 'Cristo -é a ¡Verdade que alcança -muito para além dos racionalismos sempre lestreitos dos letrados. Que abraisse a alma às luzes do ensino de Jesus no campo seguro em que a iluminação divina dá Verdade, o campo -da Escritura em que ¡Deus fala. Das práticas de S. Pedro de Alcântara a sossegar a Santa nos caminhos ida alta oração a que subira, sabemos apenas o que ela em -suas obras contou. Com o -seu saber de experiências feito na oração («como quien bien la avia exercitado»), explica ela:

«el me dió grandissima luz, .porque à lo menos 'en las visiones que no eran imaginarias, nó podía yo entender que podía ser aquello, y ipareoiame que en

i(50) iForam os descalços da Província de S. José que fundaram a missão das Filipinas, chamada depois a Província de S. Gregorio, e que encheram com suas actividades o Japão, a China e regiões da Ásia Oriental até Malaca, e as ilhas d-o Pacífico. E porque faziam viagens pelo caminho de Espanha que era o das Américas (o caminho d-a índia era o de Portugal), também pelas (Américas distribuíram suas actividades.

i(51) Publicada por Arcángel Barrado, no AIA, '22, pp. 54'6-547.

las que veña con los ojos <M alma, tan pouco entendia como podia ser, porque; como he dicho, solo las que se vén con los ojos corporales, era de las que me parecia a mi avia de hazer caso, y estas nó tema. Esite santo hombre me dio luz en todo y me lo declaró, y dixome que no ituviesse pena, sino que alabase a Diós, y estuviese tan cierta que era espíritu suyo, que, si «no «era la Fé, cosa mas verdadera no podía aver» ¡(52X

Discernia o que «miais alturas 'da 'contemplação iera o veno convivio com Deus, como (Santa Teresa o praticava nas alturas da mística que lensinou, e não se iludia com os ilumíniismios dos cansaços e desequilíbrios nervosos ou das sonolências hipnóticas e delirios, que ia (Inquisição trazia sob vigilancia.

Esta linha de objectividade ie equilíbrio, assim mantida por S. IPediro de Alcântara na espiritualidade que vivia e ensinava, dissipa todo o nevoeiro de isuspeições em que o quiseram envolver. Era um mau momenito, o que lentão se passava em Espanha. Por toda a parte borbulhavam alumbramentos, explosões de heresia protestante, e teorias de oração de quietude e deixamento que descambavam por vezes iate lãs vergonhas das velhas seitas do ¡livre espírito. A (Inquisição, de apavorada, atrapalhou-se, e já via' enos em todas as atitudes e fpalavras. E o Santo também por isso foi objecto de delações e devassas, juntamente com o ¡bispo de ¡Coria D. Diego Uenriquez de Almanza, 'Rodrigo de -Chaves a quem dedicara o seu *Tratado de la Oración y Meditación*, e outros devotos. E o *Tratado*, se não entrou no «(Índice dos (Livros proibidos», com suspeita- por vezes foi olhado, e exemplares dele houve que foram sequestrados (58)-

*

3.^a *Influência da espiritualidade de S. Pedro de Alcântara em Portugal*. Do interesse de S. Pedro de Alcântara por Portugal ficaram os seguintes monumentos: A Custódia franciscana da

(52) **Santa Teresa de Jesus**, *La Vida de la Madre Teresa de Jesus*, cap. 30.

(53) IArcángdl Barrado, em AIA, 22., pp. 4¡&9 e ss. toca o assunto, com documentação dia Inquisição de Espanha. Lourenço 'Pérez, *Información sobre el «Tratado de la Oración y Meditación de S. Pedro de Alcántara*, em IAiHA, 7 (Madrid (19¡17) recordia episódio -denunciador dias suspeitas sobre o *Tratado*.

Arrábida, levantada a (Provinola a 22 de Dezembro de \1660, e estendida pela® terras (de entre 10 iSado e Liz ; a® edições portuguesas do *Tratado de la Oración y Meditación*, a começar pela mais antiga que dele se conhece, (representada pelo exemplar único .da* (Biblioteca Nacional de ¡Lisboa; e a coleção já referida 'de cartas que o Santo escreveu para Portugal ou de cá recebeu. E do que poderíamos chamar obras e realizações, é o que resta. Todavia estes monumentos significam 'mais 'do que o 'seu aspecto imediato anuncia. Os primeiros lenchando de espiritualidade alcantarina toda® as camada® ida sociedade portuguesa!, ajudaram a manter o ambiente religioso português na sua 'linha tradicional; o último poderá ser útil como teimómetro que 'marca até que ponto a dita 'espiritualidade aqueceu. Breves considerações de simples exploração:

Ao tempo dos contacto® de S. Pedro de Alcântara com (Portugal, os anos de '1636 a 11662, a 'Cristandade, e portanto também 'Portugal nela integrado, toda se atormentava de inquietações a propósito dos problemas ¡mais fundos do pensamento e da vida. Era» uma angústia, que se arrastava desde há séculos a inquirir o rumo certo para o homem, e que por então explodira em crise aguda.

Ensinava» a doutrina cristã que ¡Deus tudo criou Verdade, Bondade e Beleza, e o homem à sua imagem e semelhança para poder partilhar sua vida de divina Caridade; que o homem, inum mistério de orgulhosa rebeldia, recusara a vida de convívio divino que Deus lhe dera 'de graça e de 'esmola, para viver uma vida» sua, sem dependências humilhantes, endeusado no seu egoísmo destruidor da divina Caridade; e que d'este «pecado» resultou ficar o mundo campo de guerra® em que os homens competem uns com os outro®, cada» um a tentar impor o seu endeusado egoísmo ou as suas fomes insaciáveis de poderio, prazeres e riquezas. A larga perspeotivai 'da® origens: O («homem novo») que Deus criou, e que pelo pecado se fez o «homem velho».

O verbo de Deus, feito Compaixão, veio a 'este mundo acordar no homem o anseio do regresso a Deus e abrir-lhe o caminho do regresso. Vestiu-se com o «homem velho» do pecado, e, subindo à cruz assim vestido nele, morreu; e depois ressuscitou, sã, sem» o «homem velho» do pecado. Quem crê em Cristo, o Verbo que se fez homem, e neile se baptiza, morre com ele na cruz, e começa a vida nova, a apropriar-se 'da redenção, restaurando 'em si a imagem der

Deus que Deus criou, alimpando-se do desvainado «endeusamento e egoísmo»⁽⁵⁴⁾.

A Cristandade é a sociedade dos 'homens que se puseram no caminho do regresso a Deus, a viver a ânsia' e os trabalhos de apropriar a redenção de Cristo. Por circunstâncias varias — e não foi das que mienos pesaram, a preguiça de tantos cristãos consoladlos na fruição dos poderios e riquezas —* no rodar dos «séculos o programa da apropriação da redenção todo se nucleou à volta da doutrina evangélica «da ;Pobreza ou do «desprendimento dos «poderios e riquezas. E os zelantes (entraram de gritar reformas contra todas as preguiças. E a reforma gritantemente exigida foi-se processando -iamtamente, sobretudo «desde o século XIII, com surtos «de «entusiasmo realizador e quebras de desollado afundamento. Por vezes «destrambelhou-se por heresias e «oismas, outras vezes «esmorecia ajoujada de humanos cansaços. I Mas amiimava-se de novo, «e crasoia com saldo positivo. Era uma reforma «em andamento»⁽⁵⁵⁾.

Ao findar «do século XV surgiu uma' «crise aguda, uma daquelas convulsões «em que um organismo, aimadurecidas as necessárias «energias, todo se contorciona para expulsar o mal que «está nele a ameaçar «de morte. (Luziu a «esperança «de tudo se resolver no V Concílio de Latrão (di5«H2-15il8), mas a esperança apagou-se, e só no Concílio de Trento i(1'5'45d5«63) foi possível «estruturar a exigida Reforma. IOerfca «erudição chaimia Contra-IR Reforma a «esta Reforma terminada em Trento. É um modo de falar resultante da falta de perspectiva no encarar o fenómeno de insatisfação e angústia cristãs que encheram um largo período da história e já *nos* séculos XH-XMIl, a um tempo, «divergentemente se orientaram com os cátaros e albigenses de uma parte e da outra os Pobres de Leão e IS. Francisco de Assis- com as Ordens M«endicantes, talqualmente no século XVI, «a um tempo, divergiram para a Reforma protestante e para a Reforma católica consagrada em Trento.

(54)j is. Paulo expôs a doutrina cristã, enquanto doutrina de redenção ou irestauração do homem na vida divina de graça em que foi criado por Deus. INos tratos que deu à linguagem para sugerir o mistério inefável^ usou palavras e expressões às quais só pelo contexto se pode adivinhar o sentido. Empregando-as aqui no sentido em que ele as empregou, aspamo-las «a prevenir.

!(55) IHá que ler sempre a história da Igreja, como ela de facto é: a história «do esforço humano «por transformar em vida a doutrina de «Cristo.

(Pois, Portugal, parte que era da Cristandade, também viveu, a doer, estai arrastada ansiedade de reforma e as preocupações da crise aguda surgida no fim do século XV. E não faltaram aí, por «então, iniciativa® de vária espécie para remediar muita coisa que não andava certa. As mais delais nasceram e cresceram sob o amparo do reis D. Manuel ' (1495¹15121) e !D. João ;11! i(!162:1-11:5!5í7), e com' feito semelhante às de Cisneros em Espanha e às de alguns outros no resto da Cristandade. Porque com elas se itentava melhorar a vida cristã, «no seu quadro terá de ser feito o estudo sobre as influências da 'espiritualidade de S. Pedro de Alcântara em Portugal.

Persuadido que o lume do saber é condição para a melhoria da vida⁽⁵⁶⁾, ID. Manuel muito se a fadigou por espalhar 'instrução e intensificar os estudos. Promoveu a frequência de escolares portuguesas na® grandes universidades estrangeiras desde as de Salamanca e Alcalá até às de Paris e Lovaina. Reformou a universidade de Lisboa para tornar mais eficaz o seu 'ensino. iCriou 'escolas de Jietras na (Corte e obrigou os moços fidalgos a frequentá-la. Aprovou projectos de escolas publicas noutras cidades do reino. Facilitou a importação de livros estrangeiros, isentando-os dais -cisas alfandegárias. Para instrução religiosa se publicaram no seu tempo catecismos, o Novo Testamento sobretudo nas forma® parafraseadas das «Vida® de Cristo» e «Autos dos Apostolos», os «Flos Sanctorum»

⁽⁵⁶⁾ IA Renascença que -arejou de humanismo todo o ambiente europeu do* isléculos XV e XVI, foi fundamentalmente um (movimento de crença nas possibilidades do homem e consequentemente na sua própria capacidade para criar virtude. (Nesta crença ou nesta espécie de dluminism-os ise embalou o ambiente português nos tempos de D. Manuel e D. João III. Dizemos «nesta espécie de iluminismos», a prevenir confusões, pois que anda também bastante indefinido o sentido que a este termo se dá. O ilum-inismo, originalmente, havia de se dizer que é 'a teoria ou crença de que, no conhecimento humano, além do homem que conhece e d-o objecto conhecido, entra um «intelecto» que de qualquer modo se sobrepõe, «intelecto» que por uns seria chamado «razão» com seus princípios e daí os racionalismos como o de certo humanismo renascentista, e para outros é -a divindade e daí as correntes de pensamento de algum modo místicas como as que mais dominaram no século XVII, haja vista a doutrina subjacente na carta de ;S. (Pedro de Alcântara a Santa Teresa de 14 de Abril de 1562 em que tanto relevo se dá ao conhecimento alumiado por Deus i(no caso, por meio da (Sagrada Escritura).

com as gestas dos heróis da 'epopeia cristã, e ainda outros livros de edificação e de piedosas reflexões (57).

(57) ISobre o 'Largo movimento promotor de ciência e cultura nos remados de D. Manuel e D. João III, para orientar ideias e haver bibliografia podem consultar-se os tratados de História de Portugal. Sobre as possibilidades então criadas à cultura oabequética cristã que em Portugal no século XVII estruturou o ambiente de espiritualidade, talvez seja útil uma orientação se bem que incompleta:

ICatecismo para ensino da doutrina cristã já as Constituições Diocesanas do Porto de 1497 o mandavam publicar. Em 1504 publicou-se o '*Catecismo pequeno da doutrina e instrução que os xpãos ham de creer e obrar pera conseguir a benaventurança eterna feito e copilado pollo reverendissimo señor dom Dioguo Ortiz bispo de Çepta* (vid. Américo iCortez Pinto, *Da famosa arte da impremissão*, Lisboa 119418, pp. 237-2513; António Joaquim Anselmo, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa 1925, p. 160)* Em Lisboa 1502, publicou-se o *Sacramental* «o qual copilou e tirou das segradias scrituras Crimente Sanchez de Verçhial», e que ainda em 1539 se reimprimia em Braga (A. J. Anselmo, *Bibliografia* citada, pp. 145 e 290). As *dCartinhas* ou *Cartilhas de ler* que desde fins do século XIV se publicavam, continham compêndio de doutrina cristã '(citados A. Cortez Pinto, *Da famosa Arte da Impremissão*, pp. 2217-253; A. J. Anselmo, *Bibliografia*, pp. 171*-172; 294). Porque o muito manuseio de livros desta espécie gasta por completo os exemplares, fica sempre a presunção de que outros catecismos se publicaram, dos quais não ficou qualquer exemplar.

Bíblis em edições cristãs (não cuidamos aqui das edições judaicas do 'Antigo Testamento) correram abundantes em Portugal nos séculos XV e XVI, no texto latino, para uso dos letrados. Eram edições estrangeiras. Bíblis em tradução portuguesa sabe-se que correram manuscritas na Idade Média, mas não se conhece qualquer exemplar delas. No século XV imprimiram-se Os *Evangelhos e Epistolas con suas exposições en romance*, Porto 1497. Livro de feição litúrgica só contém os trechos do Evangelho e Epistolas das missas dos domingos. Nos séculos XV e XVI muito curso tiveram em Portugal, traduzidos em português e em espanhol, os livros da Bíblia que formam o 'Novo Testamento, mas na forma chamemos-lhe sinótica, umas vezes parafraseada, outras vezes resumida, das «Vidas de Cristo» e dos «Autos dos Apóstolos». Mário Martins tem publicado interessantes notícias sobre as edições portuguesas. Algumas: *A rainha D. Leonor e os Livros*, em «Brotéria», 617 i(Lisboa |j95'81)|, pp. 249-257; *Ludollo de Saxônia e a Vita *Christi*, ibid. 70, pp. 674'&8'2; *Os «Actos dos Apostolos»* e os «Autos dos Apostolos», ibid. 713, pp. 11641-144; *A Tradsladação de S. Tiago nos «Autos dos Apostolos»*, ibid. 76, pp. 56'6'5; *QUO vadis?*, ibid. 72, pp. 51-55. Traduções espanholas correram em Portugal as *Vita Christi* de fr. Ambrosio de Montesinos, ed. de Alcalá 1502-1503', de fr. Francisco Ximcoes ed. de Granada 1490 e reedições posteriores; as *Meditaciones Vitae Christi* ed. Valhadolide 1502 ; *En contemplación de la Vida de Nuestro Señor Jesu Christo* ed. de 1513'; *Primera Parte del Libro llamado Abecedario Spiritual, que trata*

E enquanto os 'espíritos se 'alumiavam de cultura e saber, iam os preladados diocesanos tentando 'disciplinar os costumes do clero e fiéis com 'legislação apropriada nas «Constituições Diocesanas» que publicaram. Ë também D. Manuel trabalhou quanto pôde pela reforma 'das Ordens 'Religiosas nas respectivas Observâncias, procurando para isso o apoio da Santa Sé, como fez, por exemplo, com os Franciscanos em 1517, por ocasião do Capítulo Gera! desse ano⁽⁵⁸⁾.

Todas estas diligências, porém, não renderam o que era de esperar. A cultura religiosa e profana, progrediu, é certo, tornando-se mais refletida e mais séria; mas, no mais, a melhoria foi pouca. Baldadas as intenções reformadoras do V Concílio de Latrão, por toda a parte endureceram as resistências que 'espontaneamente sempre crescem contra todos os surtos de reforma.

Todavia, D. João III, que logo se seguiu no trono, teimando no programa do pai, instituiu no Colégio de Santa Bárbara em Paris cinquenta bolsas para 'estudantes portugueses, e custeou despesas de mais bolseiros em 'escolas de França e em Louvain, animou a já numerosa frequência de estudantes nacionais nas universidades de Espanha e Itália. Nas mais progredidas -escolas da Europa aprenderam quantos em Portugal foram tomando o comando das coisas, na governança, na Igreja e no ensino. Ao mesmo tempo começou de montar em Coimbra a Universidade nova, com o Real Colégio das Artes e as Faculdades solenes, e com os professores de mais fama que pôde obter, nacionais ou estrangeiros que eles fossem.

E o novo impulso que deu à reformas das Ordens Religiosas,

de la circunstancia de la Sagrada Pasión del Hijo de Dios, de fr. Francisco de Osuna, etc.

Ho Flos Sanctorum em linguagem português ('a «*Legenda Aurea*» ou «*Leenda dos Sanctos*» ou «*Estoria Lombarda*» de Jacobo de Voragine) e *Livro e legenda que trata de todos os santos e payxões dos santos Martyres em linguagem portuguesa* foram editados em Lisboa, 1513 ('veja-se A. J. Anselmo, *Bibliografia citada* pp. 115M'20, 14'6; Mário Martins, *A Legenda dos Santos Mártires e o Flos Sanctorum de 1513*, em «*Brotéria*», 72 (Lisboa TSII'D, pp. . Livros de edificação foram as edições promovidas pela rainha ID. Leonor: *Boosco deleytoso*, Lisboa 1515, e *Espelho de 'Cristina*, Lisboa ISIS.

⁽⁵⁸⁾ De muito boa informação, sobre o assunto, José Sebastião da Silva Dias, *ICorrentes de sentimento religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)*, -1 '(iCoimbra >16\$0X pp. 67-92 («A reforma da vida diocesana»), 913H.1|7 («A reforma nas Ordens iReJLigiosas»).

todo ts>e orientou também nos moldes dia cultura. A reforma dos Grúzias, quer os de Coimbra, quer ios de S. Vicente-de-Fora de Lisboa, quer os dos restantes mosteiros, foi confiada a fr. Brás de Braga que 'estudara em Paris e Lovaima. {Para reformar a Ordem de Cristo veio do mosteiro de Guadalupe o jieronimo fr. António de Lisboa. E de Espanha' vieram também, para reformar os Agostinhos ou 'Gracianas, fr. Francisco de 'Vila Franca, fr. Luís de (Montóda e outros, todos eles arejados no lambiente de 'Salamanca a sábia, e para reformar os Dominicanos outra pléiade de frades sábios- e austeros como fr. Jerónimo de Fadilba e fr. Luí-s de 'Granada ⁽⁵⁹⁾.

À roda da Universidade de Coimbra cada uma das Ordens Religiosas fundou colégios para os seus estudantes, e mais outros colégios se fundaram em conventos 'espalhados pelo pai® ⁽⁶⁰⁾. A Companhia de Jesus, trazida então a iPortugal, no entusiasmado fervor dos seus começos, intensamente cooperou na educação literária, e religiosa da juventude. E os preflados da (Igreja, sempre presentes neste movimento de cultura, empenharam-se na reforma do seu clero e fiéis, com a sua assistência e visitas, e com a legislação pertinente publicada nos sínodos diocesanos que celebraram ⁽⁶¹⁾. E assim se intensdficou o enísimo e educação cristã, descendo até às camadas populares com a catequese, o vasta apostolado da pregação, a publicação de livros para formação religiosa ou devota reflexão i⁽⁶²⁾ e outras formas de apostolado, em que as Ordens Religiosas intensamente colaboraram com o clero 'diocesano.

Este prolongadlo esforço de seriedade e verdade criou um clima novo de vida, mais 'consciencializado e preocupado com o concreto. O estudo e ensino, desde a catequese e leitura até às aulas nas 'escolas grandes, tomaram o estilo da 'lição com a exegese e comen-

l⁽⁵⁹⁾ Acerca da reforma das Ordens Religiosas feitas sob os auspícios de D. João III, veja-se o já citado J. S. da (Silva 'Dias, '*Correntes de sentimento religioso em Portugal*, 1, 93-17®, e fontes aí aduzidas.

⁽⁶⁰⁾ António die (Vasconcelos, *Os IColégios Universitários de Coimbra*, em «Escritos vários», Coimbra 19*40, pp. (1515-295.

!(⁶¹) Veja-se o já citado J. 'S. da Silva iDias, '*Correntes de sentimento religioso em Portugal*, 1, G7-'92, e Bibliografia aí aduzida.

(⁶²)- A literatura portuguesa de formação religiosa e de piedade desde os .princípios do reinado de D. João III e mais abundante. Veja-se J. IS. da Silva Dias, '*Correntes de sentimento religioso em Portugal*, 1, sobretudo as «Nota VUIII e Nota XIV» a pp. 495-508, 5 52-5>6111.

t árias, com ia observação ie meditação no sentido que a¹ etimologia sugere, de consideração a que se junta uma resolução ou uma prática. (Começou de se investigar muito o valor humano que a verdade tem, enquanto se arrumavam certos racionalismos imobilizados nas equações improgressivas dos silogismos, sentenças já ossificadas de velhas autoridades indiscutíveis, e malabarismos de imaginações desvairadas. Ao lado da inteligência que sonda e mede, medrou o desejo, o amor, que profunda e apropriada. Desta forma se despertaram, entre os portugueses, correntes de vida de lespirito com preocupações e tendência® iguais a tantas que desabrollhavam por toda a Cristandade, e consequentemente também outras maneira® de surpreender a verdade, outras maneira® de a sentir e outra coragem para a praticar e viver.

O homem interiorizou-se muito, voltado para o «conhece-te a ti mesmo», a reflectir a realidade que ele é >(i«sente» ser), a mergulhar em ©i num trabalho de prospecções e sondagens feitas (bastante a «adivinhar», porque o guia terá mais o calor irradiado do foco das Origens i (caminhava-se «em tenteios, como no «está quente» do jogo das crianças) do que o raciocínio a escorrer dos princípios fundamentais através dios mecanismos da razão montadas com muito artifício. Uma situação devera® propícia à reflexão dos problemas postos pela doutrina enistã da redenção e nucleadas è volta da noção de (Pobreza como o Evangelho a definiu, a exigência de o homem se desapegar da® riquezas e renegar orgulhos e auto-suficiências para se prender à Origem, ao Deus Criador sempre iPresença ou PProvidência a sustentar por esmola a quem também por 'esmola criara. E os testemunhos válidos que em ;Portugal desses tempos mos ficaram —toda a produção (literária (porque é nela toda e não apenas nos chamados tratados de Filosofia que se há-de ler o esforço da reflexão que então se fez) e os factos que a história recorda /(os factos sãjo 'livros que muito bem contam o que se pensou)— estes testemunhos não acusam por lentão desvairas de maior no pensamento português. As exigências de reformas comediram-se em ralhos como os de Gil Vicente e os misticismos mão desvairaram para extremos de heresia.

Todavia, nem por isso faltaram sustos. O movimento de renovação, embora comum a toda a Cristandade, não seguiu rumos iguais em toda a parte. Nas sondagens e reflexão por vezes pareceu que mais se não encontrava do que a chamada razão do homem, e

amaram-se assim os humanismos racionalistas com retraças do pensamento antigo renascido «e oom 'derivações que rematavam num teor de vida de cariz pagão. Outras vezes, nessas sondagens, pareceu que se contactou a Origem, e ficava aberto ao espírito um campo largo de trato imediato oom a divindade. ¡E daqui se desvairou para dluminismos deslumbrados e enceguedidos pelos lumes da chamada iluminação de Deus. E uns avançaram desde as divinas inspirações ou manifestações de Deus na própria consciência, até ao repúdio de outra inspiração que não fosse a própria-, e de qualquer oocção, porque atentória- 'da própria liberdade que se confundia com a inspiração. Outros partiram *da união do homem com Deus pela Fé que salva, e foram parar inas doutrinais de um 'Corpo Místico de Cristo que afogava as 'consciências em imanências divinas e nirvanas búdicos, ou nas doutrinais da Fé que salva' e consequente deixação do corpo a arrastar-se na irresponsabilidade das suas concupiscências irresistíveis, ou na reprovação -das práticas -de ascese e cerimónias do culto dadas >como sem valor e hipócritas. E isto é amostra apenas das tendências de espírito que resvalavam para a insubordinação 'à Igreja de Roma, para. os protestos 'dos vários protestantismos, para o sarcasmo e ironia dos criticismos corrosivos, coisas todas que por várias partes abalaram a Cristandade.

Ora os portugueses que corriam mundo, no entusiasmo da novidade, no espanto e lencantamento das originalidades que ouviam, voltavam 'às vezes tocados, se não desorientados de ideias. Erasmo, sobretudo, teve em (Portugal admiradores e discípulos, tantos e de tanto peso que levaram D. João Mil a instar com ele páira vir ensinar a Portugal (63). E se ele mão veio, outros mestres 'estrangeiros vieram reger cadeiras em escolas nossas, e nem sempre a sua prsença foi tranquilizante. Também de fora chegavam (livros -com doutrinas que por vezes não eram sãs. Daí certos arrepios no ambiente português, onde crescia espontânea e firme, em molde um tanto próprio, a renovação da- mentalidade e da vida, e alguns 'conflitos que ame- drontaram, provocando por isso medidas de discipEna e repressão: o Tribunal da .Inquisição, o julgamento dos professores do Real Colégio das Artes de Coimbra, a Censura prévia dos Evros a publi-

(63) Veja--se (Marcel ¡Bataillon, *Études sur ¡Portugal au temps de V humanisme*, Coimbra 1952', pág. 99. ¡Sobre influencias erasmitas em 'Portugal, veja-se o mesmo M. Bataillon, *Erasme en Espagne*, Paris 19317.

car, o Rol dos -livros proibidos. Depois, acrescia a -lição dos desassossegos que por toda ia Cristandade alastravam. As doutrinas religiosas saltavam das escolas para as lutas sangrentas em que se guerreavam também interesses de toda a ordem. E desta forma ise tornaram guerras religiosas, algumas das guerras que por então ensanguentaram a Europa.

Presentindo o perigo que rondava e fazia pressão, Portugal concentrou-se a amadurecer toda a riqueza da sua. cultura e entusiasmo. A (euforia de esperança em que se animara o começo do reinado de D. João 'lili, amainou bastante mo correr dos anos. E na sisudez da reflexão conseguiu Portugal livrar-se do contágio das irritações dos protestantismos crescentes, e bem assim das interiorizações iluministas em que ;subtilmente se emaranhavam derrotismos desesperadamente agarrados a uma justificação apenas realizável pela confiança »em Cristo Redentor, ie deixamentos ou abandonos do homem às depravações ditas irresistíveis dos egoísmos e orgulhos a destravarem-se para toda a espécie de competições de força e arrogâncias. Porque as teologias, a moral e o 'direito daqueles tempos andavam às vezes inquinados deste pessimismo desesperado e atrevido.

iforque se livrou de tal contágio, Portugal pôde manter-se dentro de um humanismo cristão bem diferente, o humanismo que acredita que Cristo realizou a redenção e cada homem tem de a apropriar a si num esforço de a viver ou num lesforço do Hem ; não, portanto, uma redenção imputada ao homem que confia em 'Cristo, mas a redenção de Cristo que o homem faz sua com as obras da Justiça e Caridade vivificadas pela graça de Deus. O que foi, afinal, a doutrina base da Reforma que o 'Concílio de Trento consagrou. Havia de se dizer que a colaboração da Península ;Hispânica foi decisiva mia adoção dessa doutrina' e reforma. Os hispanos, os do território da actual (Espanha e Portugal, têm mostrado, através da história um feito positivamente afirmativo. Afirmam que o homem é capaz de se exceder e superar. Ponham-lhes diante uma escala de valores, e logo eles se vão atrever aos melhores. E falam e praticam -como os heróis das epopeias que se emparelham com os demiurgos. Porque creram em Cristo crucificado, escândalo para OB judeus, loucura para os gentios, mas salvação para os 'crentes, ordenaram -num programa de reformas as exigências todas do Evangelho, e venceram as inércias e preguiças em que os iluminismos distra-

vavam as paixões da fragilidade humana, metendo à epopeia de colaborar com Cristo na restauração do Reino de Oeus '(nasceu na Península o fidalgo ID. Quixote, -e toda: a correu nos seus empreendimentos de loucura; «loucura» foi o que os gentios -chamaram a Cristo Crucificado).

S. Pedro de Alcântara, já acima se apontou, foi uma presença positivamente realista., afirmativa, criadora de energias; ele como deveras foi, não como as biografias e Crónicas o desfiguraram e a pintura e estatuária o deminuíram num homem que teria gastado a vida, quase, nas agruras dos desertos a mostrar lãs estrelas do céu as suas avarias penitentes -(no linguajar da minha aldeia, «fazer avarias» ié fazer maravilhas de espantar).

Todo o tempo que estive em contacto com Portugal, quer demonstrando aí ou passando, quer atento de longe à\$ suas preocupações e negócios, mais ou menos os anos que vão de T536> a Ili5'62;, vivia ele, sim, à imitação do pai S. Francisco, a Pobreza penitente que liberta o 'homem para os cuidados de Deus, frequentava a temporadas os retiros a refrescar as lembranças do céu e a revigorar o espírito na oração; mas nunca deixou de correr, numa azáfama de apostolado cristão. É preciso repetir isto muitas vezes, a esconjurar ideias feitas, piores que os demónios íncubos que desvairam o pensar dos homens. E o seu trabalho de apostolado não era simplesmente por os homens de mãos erguidas a rezar; era ensinar e ajudar cada um ideias a fazer que a própria vida fosse serviço de Deus, que 'todas as suas acções perfeitamente se ajustassem à vontade do Pai que está nos céus.

Peregrino por caminhos e terras de Portugal ou lembrado pelas suas missivas que os correios traziam, 'era o frade de vida austera, macerado das penitências, quase andrajosa' a pobreza do seu vestir, completa a sua descalcez com os pés nus pelo chão, e todavia empolgava e prendia de encantos. A seriedade penitente do seu porte irradiava consoladora 'confiança, alicerçava em certezas a Fé de quem o via. E note-se que isto não são frases vazias, atiradas ao vento. Não são frases apenas, a figura do Santo destroçada pela penitência, seu grosseiro hábito variegadamente remendado, curto, estreito, os pés 'encortiçados na aspereza das jornadas, como também não «é frase o encantamento devoto <das cartas que lhe escreveram os infantes D. Luis, D. 'Maria e D. (Isabel, o conde de Vimioso, cujos textos se conhecem. Nimbava-o sempre um halo de simpatia

irresistível, que lhe criou 'larga roda ide aimizade desde ta familia real, «pela inobreza, até os pobres com cujos filhos se «entretinha a ensinar-lhes ais primeiras «letras, conforme episodio contado por testemunha que assistiu-(⁶⁴).

O seu convívio com as gentes portuguesas foi, 'desta' forma-, largo «em extensão e intensivo e denso em profundidade. Ais cartas «conhecidas que os grandes lhe 'escreveram e as que se «perderam dos duques de Aveiro e Bragança, para só falar daquelas de que há certeza, aí estão para» prova. As multidões que serviam na 'Corte e nos senhorios imediatos «das gentes dela, e ais populações 'dos senhorios »das Casa® nobres que o ;Santo frequenta«va, foram ganhando devoção ao frade que chegava «com aspecto e fama de homem de Deus, e se demorava venerado dos seus senhores. iE na educação do tempo era assim, e na orgânica social: O respeito era uma» qualidade real na pessoa «dos nobres (ser nobre era» deveras ter nobreza), e , irradiando deles, a -eles voltava» retribuído no outro respeito que era apreço, «estima, dedicação e tudo o que há de mais fundo e «terno no que «comuimmente se chama» sentimento de família. Esse respeito que os nobres possuíam, edificava quanto® viviam na sua- dependência¹ ou dava forma à vida «deles. ;Para mai® as multidões eram cristãs, «e já por isso mesmo reverenciavam a virtude onde quer que a viam; e as multidões, pois são muitos olhos, muito mais certo tudo veem. Daí que nos territórios «largos dos grandes «da 'Corte «como nos territórios não menos largos das casas dos infantes D. Luís, D. Isabel, «dos duques «de Aveiro e (Bragança, «do conde de Vimáoso onde o Santo «passava, as gentes f&miliarizavam-se com ele e aprendiam nos seus exemplos e falas.

E o 'Santo nunca para outra coisa aproveitou «este convívio senão para» o serviço de Deus. Todos os seus cuidado® foram servir a Deus, a dar-lhe honra e glória e a «aj«udar os outros do mesmo modo a servido. E nunca foi outra a «lição do seu «exemplo nem a lição das suas fala®. E ninguém por «então tinha dificuldade «em «compreender o que significava servir. iServia quem «entrava numa família a «colaborar «com os seus préstimos na- honra «e glória «dela. E o ;Santo expunha o que era serviço de Deus ou vida «espiritual como da «expe-

li⁶⁴) (Notícia de testemunha contemporânea do ;Santo n-o seu (Processo para Beatificação, conservado 'manuscrito, -segundo informação oral de 'Arcángel Barrado.

rienda 'aprendera, a 'espiritualidade como já acima se disse que a viveu, Espiritualidade é viver a vontade de Deus; caminhos para eia, a ascese a quebrar as amarras que iprendem a alma às riquezas e prazeres e orgulhos, e oração que afervora a vontade para Deus. E desta sua doutrinação, ampla e estimada, veio sentir-se a necessidade de editar em Portugal o *Tratado de la Oración y Meditación* que ele copilara para os seus devotos Rodrigo de Chaves e esposa. Não era de modo nenhum um manual ou 'directorio de 'espiritualidade. Era um directorio da oração que 'é meio ou caminho para a verdadeira espiritualidade do servir a Deus, vivendo a sua vontade; mas não esquecia de lembrar o outro caminho que é a ascese penitente, nem de sublinhar que a verdadeira 'espiritualidade a alcançar com esses meios ou caminhos, é servir a Deus vivendo a sua doutrina. IMuito portátil, muito barato e acessível, correu a levar a toda a parte a doutrina do Santo. Na sua aparência insignificante, devia ser dos livrinhos que naqueles meados 'do século XVII mais pesou iem Portugal.

Ainda, ineste ponto, urna acheга que vem das cartas já tantas vezes lembradas. Ingénuas, sem artificios, saíram espontâneas da vida concreta, cheia de mil pequeninos 'cuidados reais. Veja-se a do iSanto là infanta D. Isabel, e mais ainda a outra- a D. Maria com os parabéns alegres do noivado que lhe anuncia e no qual se empenhou com suas rezais, ao menos, «desde a primeira vez que a V. A. vi»⁽⁶⁵⁾. Nem escrita de propósito para desmentir o que (Enciclopédias nossas haviam de propalar: que («da sua estadia nia corte de Eisboa resultaram grandes penitências para alguns poderosos e a renúncia ao mundo da infanta D. Maria que, contudo, por ordem do 'Santo -continuou vivendo, apesar dos votos, na corte e com os hábitos seculares para mais facilmente (dar exemplo às damas do paço» (66). E as que os outros escreveram ao 'Santo, vão no mesmo talhe, até as que escreveu o conde de Vimioso em horas amargas de doenças e -desgosto.

Do que vai exposto sobre as relações de S. Pedro de Alcântara com os portugueses e sobre a espiritualidade daqueles tempos, uma

^{t(65)}y lAs cartas já citadas d-e 1551 -e II .553i respectivamente, as quais adiante se -publicam, em -apêndice.

⁽⁶⁶⁾ Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, «S. IPed-ro de Alcântara», 20, pp. SSO-SS1.

coisa (avulta: Niai ;sua orientação geral batiam certas a 'espiritualidade vivida e lenisouaida peio Sarnito e a espiritualidade que informava' a vida cristã em Portugal ;e que foi a que o iConcílio de Trento consagrou. Esta 'espiritualidade, em pequeninos ou mos aspectos secundários, podia 'divergir e de facto divergia de homem para homiem! (67) ; mias no seu plano geral ;era a mesma, visto brotar de uma mesma doutrina sobre as obras e a graça, à qual o 'Concílio deu relevo. Apesar das pressões de fora que tentaram os portugueses, desvalorizad oras da graça umas e outras desvalorizadoras das obras, mantiveram-se eles firmes ma sua orientação. O Santo, por 'então, frequentou Portugal e conviveu com portugueses em circunstâncias que bem revelavam sua vida espiritual e doutrinas de espiritualidade. Pelo que dificilmente se poderia negar a colaboração e ajuda, do 'Santo ma firmeza com que Portugal se manteve ma espiritualidade que o Concílio 'de Trento com sua reforma consagrou.

Mias há outro facto, a criação da Custódia da Arrábida,, que melhor ainda atesta as influências de 'S. Pedro de Alcântara na espiritualidade portuguesa e sobremaneira as voluma. A Custódia, depois Província, da Arrábida deve ter sido em Portugal, desde a sua fundação em 1542, o foco de mais intensa irradiação de espiritualidade cristã. Porque ma cultura as letras sempre representam

I(67) Em cada época ou tempo, a doutrina cristã compreende duas espécies de verdades: a® que já estão firmemente formuladas e por isso são indiscutíveis, e a® que ainda só confusamente se compreendem e estão por isso sujeitas à discussão dos teólogos e aberta® a várias opiniões. iDaqui resulta que a espiritualidade, sendo como é a vivência da doutrina cristã, compreende um núcleo de actividades necessárias ou imprescindíveis correspondentes às verdades indiscutíveis, e uma margem de actividades variáveis segundo a® opiniões pessoais de cada um sobre as verdades cuja formulação ainda «e discute. Oiversifica-se ainda a espiritualidade, de indivíduo para indivíduo, em pontos particulares, conforme a compreensão que cada um tem do que pode e valle o homem: enquanto, por exemplo, uns pensam que a convicção no homem é operante e tudo pode, outros atenuam-lhe muito o poder, e outros vão até por completo lho negar afirmando que os actos é que criam a convicção e não é a convicção que cria os actos. E esta diversidade de teorias ou crenças diversifica naturalmente a espiritualidade de cada um em conformidade cem a opinião que toma ou aceita. É a isto que atribuímos certas diferenças na espiritualidade dos nossos portugueses de quinhentos às quais chamamos «de importância secundária» porque a espiritualidade de todos, nas actividades basilares correspondentes às verdades cristãs fundamentalis, essa era igual ou parecida.

muito, facilmente nos deixamos arrastar pela fascinação do livro. E assim, quando refiectimos sobre 'espiritualidade, logo a atenção se nos prende nos 'livros que dela falam. Ora nestes assumtos de 'espiritualidade, como noutros, há melhor que a lição do -livro. A vida ou a prática é melhor lição, miais completa e 'eficaz. Os frades da Arrábida por aqueles tempos, que conste, não escreveram livros. Mas os seus conventos que -rápidamente cresceram em número num aro muito largo ô volta de 'Lisboa, eram escolas frequentadas por quantos se interessavam pela vida espiritual. E o livro da lição era o -convento todo, com a vida dos frades, as -suas -conversas e prédicas. O infante D. Luís, no convento de Jenicó, que em seus domínios -de 'Salvaterra fizera construir, reservara aposentos para si, e neles passava muito tempo a viver a vida dos frades. O cardeal D. Henrique também no convento de 'S. José de Ribamar, junto a Algés, tinha aposentos onde se recolhia com frequência a ipeoisar a alma, e onde também descansaram ID. Sebastião e outros da Família Real. E as igrejas -dos conventos sempre se 'conservavam francas a todo o público, ie os frades corriam todos os caminhos no seu apostolado e -devoção.

Às vezes, por motivos vários que não vem agora- discutir, forma-se do Arrábido uma ideia que não é exacta-. O Arrábido seria um frade que se sequestrara do mundo, a viver vida de eremita penitente; e recordasse o ermo poético da serra -da Arrábida ou a solidão agreste de Santa Cruz na serra de Sintra. Ora- já se disse que S. Pedro de Alcântara arrancou o Unstituto -da Arrábida ao eremitismo impossível de fr. Martinho de Santa Maria, informando-o nos moldes austeros da 'Capucha Franciscana com os Estatutos que ilhie deu e animando-o -da espiritualidade que era a sua, e trouxe-o para o meio d-o mundo, fundando o convento de Falhais onde educou os primeiros noviços que foram os futuros governantes -do Instituto. E, neste impulso, logo imediatamente se fundaram conventos em Jenicó nas terras de ID. Luis, na 'Gaparica, em S. Catarina de Ribamar, e por aí em fora. E a Arrábida, o ermo da serra, como Santa Cruz de 'Sintra, ficaram recoletas onde a temporadas se retiravam os frades a viver ià maneira -de 'S. Francisco nos Cárceri e no A-lverne, ou onde se isolavam algumas vocações excepcionais (entregues por completo à contemplação de Deus.

Desta forma o frade Arrábido vivia, no -comum, vida igual à que S. 'Pedro -de Alcântara levava, vivia uma espiritualidade igual à

dele, objective, valorizadora 'dias obras, neste sentido de que ta vida cristã 'é operar o Beim toai ajustar toda a sua actividade com a vontade ou lei de Deus, aprontando para isiso a atoa com ai ascese penitente e afervorando-a na prática frequente da oração. O Arrábido, esquecidamente entretido na poesia e agruras da i&erra, 'era exoeção. Os mais andavam pelos conventos da planície no apostolado de •ensinarem os homens a viver segundo a vontade ou lei de Deus, em tanto movimento que alguns deles, bastantes, até andaram pelo Oriente nos trabalhos das missões >(68).

Sendo as coisas assim, não pode deixar de se afirmar que S. Pedro de Alcântara encheu bastante o ambiente português dos meados do século XVII com a sua- espiritualidade, e pesou por isso na orientação em que a espiritualidade portuguesa se fixou, e que, já se 'disse, foi a orientação tornada pela Reforma 'católica do Concílio de Trento.

Uma observação final a prevenir objecções e dúvidas. A Inquisição portuguesa, arreçada das práticas da oração mental e meditação de certos grupos piedosos que borbulhavam por -Lisboa e redondezas, procedendo (à*s indagações do estilo verificou que alguns, desses grupos 'eram dirigidos e afervorados por frades Arrábidos. Os componentes dos grupos cultivavam, de facto, a meditação remontada até às alturas da contemplação em místico convívio com Deus quer 'de aiuniação de pensamento quer de afecto e fruição de caridade. Campo naituratoente muito difícil, por aberto a possíveis ilusões, resultantes, por um lado, 'dos fenómenos pouco alumiados dos 'transes, hipnoses e estados psicopáticos, e, por outro, de teorias acerca de carismas divinos ie de observações incompletas dos fenómenos do conhectoento. E questionavam em seus conventículos sobre modos de oração, 'desde a meditação discursiva, pela meditação afectiva, até à contemplação descansada em quietudes de união com Deus e deixamento do corpo à sua irresponsabilidade. E suas ilusões roçavam às vezes pelas -doutrinas da justificação do homem só pela fé em 'Cristo e pelos desesperos resvalantes para o que se chamara livre 'espírito.

Está de ver que o caso não implica com a 'espiritualidade vivida por S. IPedro de Alcântara e pelos frades da Arrábida. Não é pró-

(68) Veja-se fr .IANitónio da Piedade, *Espelho de Penitentes*, 643 e ss., e iF. Félix Lopes, *Custódia de S. Francisco de Malaca, sua iunção*, em «Itinerarium», 7 '(Braga ;1961), pp. 246-270.

priamente nos registos de arquivos da polícia >e tribunais que se vai perguntar o que em determinada época ou >em determinado grupo humano foi a vida, <e qual a doutrina aí comumente aceita e praticada. (A polícia e tribunais tomam conta dos casos que aberram do proceder comum ou das doutrinas comumente aceitas. O aparecerem alguns Arrábidos implicados em processos instaurados a propósito dos modos da contemplação passiva ou afectiva), significa até que os mais, na sua oração, não se desviavam para campos suspeitos ⁽⁶⁹⁾. A estrutura ascética e penitente dos Arrábidos ((penitente a Regra de S. Francisco que professavam, penitentes os seus Estalutos inspirados por 'S. Pedro 'de Alcântara) e bem assim o seu zelo de apostolado, não favoreciam nada que eles se perdessem nos deslumbramentos 'dos iluminismos e -bastavam, de um modo genial, para os conter na objectividade, na positividade, não obstante a sua frequência do retiro e oração. Tanto mais que para os -campos dos iluminismos não propendiam nem o *Tratado de la Oración y Meditación* recopilado por S. Pedro -de Alcântara e por eles com certeza devotamente apreciado e usado, nem a* *Instrucçam de Novições da Provincia de Santa Maria da Arrábida, com que o Venerável P. Fr. Martinho de St.^a Maria seu primeyro Fundador os educava no caminho da perfeição, e perfeita observância da Regra de N. P. S. Francisco*, que diz aproveitar pequeno caderno -que continha os

i⁽⁶⁹⁾ J. S. da Silva Dias, *Correntes de sentimento religioso em Portugal*, I, obra de vastíssima informação e erudição, lembra alguns Arrábidos implicados em processos da Inquisição por motivos de doutrinas de oração, e entre eles fr. Fernando castelhano /£>, pp. 101-102, 160D-160T, e passim; fr. Francisco da Forciúncula *ib.*, pp. 391-402, 1181-1182, e passim. Feio menos este último foi evidentemente um enfermo que espantou os que com ele conviveram, do mesmo modo que um doente como ele ainda hoje espanta o povo ignorante. Àquele tempo a ignorância sobre as manifestações de tais doentes era geral. Certas manifestações ou fenómenos de indivíduos anormais, em vez de as atribuírem a desarranjos nervosos, atribuíam-nas <a contactos desses indivíduos com entidades sobrenaturais ou extra-naturais. Daí a confusão, muito apouquentadora naqueles tempos, entre os fenómenos de vera mística e espiritualidade e os fenómenos nervosos anormais. Já complicar ou acrescentar a confusão, vinha certa tendência do pensamento de então para acreditar que o homem com o seu natural esforço de concentração, de alheamento deste mundo, podia chegar ao contacto sensível de qualquer modo com Deus, quando a Teologia ensina que nunca o homem pode provocar (provocar no sentido de obrigar Deus a eles) tais contactos que são sempre carismas, dons gratuitos de Deus, irrealizáveis, portanto, pelo mero esforço do homem.

rudimentos de oração mental «com que o V. P. Fr. Martinho de Santa Maria e S. Pedro de Alcântara criavam os seus Noviços (da Custódia e Provincia} da Arrábida) no santo exercício da Oração».

F. FÉLIX LOPES

APÊNDICE

Cartas de S. Pedro de Alcântara e para S. Pedro de Alcântara respeitantes a Portugal

1.

(Lisboa, 29 de Outubro de 1540.

Carta de D. João III, rei de Portugal, ao Ministro Provincial da Provincia de S. Gabriel Ir. Pedro de Alcântara, a acreditar a resposta que lhe levam os portadores, à carta por ele enviada.

Publicada por fr. Marcos de Alcalá, *Chronica de la Provincia de San Joseph*, Madrid 1 73'6, ipg. 197, traduzida do original português guardado ao tempo, no arquivo do convento de 5 Gril de Madrid; por fr. -Diego de Madrid e fr. Juan de la Calzada, *Vida admrable del Phénix Seráphico, y redivivo Francisco, San Pedro de Alcântara*, 1, Madrid pp. 5104-5'016. Antes, publicara-a fr. Antonio de Huerta, *Historia y admirable vida del glorioso Padre S. Pedro de Alcântara*, Madrid 1'66'9., pp. '208-209, num texto interpolado.

A el Reverendo Padre Fray Pedro de Alcântara, Ministro Provincial de la Provincia de San 'Gabriel.

Reverendo Padre Ministro, Yo, Don Juan, por la gracia de Dios rey de Portugal y de los Algarves de esta parte y de la otra del Mar en Africa, señor de Guinea, y de la conquista, navegación y comercio de Etiopia, Arabia, Persia, y de la India, os envío muchas saludes.

Vi la carta que me escrivisteis, y oí todo lo que estos Padres me dijeron de vuestra parte. Y porque a efllos respondí lo que os dirán, he por escusado volverlo a decir, y me remito a ellos 0) Y habéis de tener por muy cierto que para todo lo que os cumpliere y a los Religiosos de esa Casa, hallaréis siempre en mí muy buena voluntad i(2 X

0) Por então fundava o 5Santo o convento de S. António i(depois chamou-se da Madre de Deus) de Valverde, cerca de Olivença. Pode ser que seja dessa «iCasa» que aqui se fala. O Santo teria escrito ao rei, com pedido de ajuda e protecção para a fundação e para os frades ali nela residentes.

(2) Este período foi assim publicado por fr. António de Huerta: «Y con el ofrecimiento que me hazeis, recibo mucho contento, y os le agradezco mucho. Y aveis de tener por muy cierto, que para todo lo que os cumpliere y a los

Escrita en Lisboa, a veinte y nueve días do octubre de mil quinientos y cuarenta.

El Rey.

2.

Lisboa, 29 de Outubro de 1640.

Carta de D. Catarina, rainha de Portugal, ao Ministro Provincial da Provincia de S. Gabriel ir. Pedro de Alcântara, a acreditar a resposta que os portadores levam à carta que lhe escrevera.

Publicada por fr. Marcos de Alcalá, *Chronica de la Provincia de San Joseph*, Madrid 1736, pág. 197, traducida do original português guardado, ao tempo, no arquivo do convento de S. 'Gil de Madrid; e por fr. iDiego de Madrid e fr. Juan de la Calzada, *Vida admirable del Phénix Serâphico, y redivivo Francisco, San Pedro de Alcântara*, il, Madrid il*7*©S, pp. 5106-5018.

A el Reverendo Fray Pedro de Alcântara, Ministro Provincial de la Provincia de iSan Gabriel.

(Reverendo Padre Ministro Provincial, Yo Doña Oalthalina, por la gracia de Dios reyna de Portugal y de los ALgarves de esta parte y de la otra del Mar en Africa, señora de Guinea, y de la conquista, navegación y comercio de Etiopia, Arabia, Persia, y de la India, Infanta da Alemania, de iQastilla, de León, de Aragón, de las dos Sicilias, de Jerusalém, etc., os embio muchas saludes. Estos Padres me dieron vuestra carta, y por ellos supe el negocio a que venian. Y porque el Rey mi señor les respondió lo que os dirán, y yo sobre ello les hablé largamente, a ellos me remito. Y con el ofrecimiento que me hacéis, recibo mucho contento, y os lo agradezco mucho. Y siempre, para lo que en esa Gasa y a vos cumpliere, tendré aquella buena voluntad, que es razón, por la mucha devoción que les tengo. Escrita en Lisboa; a veinte y nueve días de Octubre de mil quinientos y quarenta. Reyna.

3.

Gandia, I3i de Fevereiro de 1549.

Carta do duque de Gandia, S. Francisco de Borja, a ir. Pedro de Alcântara, a acreditar a resposta que o portador leva, à carta que i he escreveu, O

Religiosos de essa santa Provincia, tendré siempre aquella buena voluntad que es razón, por la mucha devoción que os tengo, pues veo que Dios me haze muchos beneficios, mediante vuestras oraciones, en las cuales de nuevo me encomiende». Frase possivelmente tirada de outra carta de parabéns mandada pelo rei a S. Pedro de Alcântara, por Outubro de 1538, quando ele foi eleito Ministro Provincial. A esta última carta se refere fr. Marcos de Alcalá, o. C., pág. il>84.

a certificar que está pronto a ajudar no que puder e que espera que o Papa favorecerá os religiosos da Arrábida aprovando-fhes o modo de vida e dando licença que outros Religiosos se incorporem na sua Custodia.

Publicada por fr. 'António de Huerta, *Historia y admirable Vida del glorioso S. Pedro de Alcântara*, Madrid 1'66'a, pg. 270, donde a copiou fr. Maceos de Alcalá, *Chronica de la Provincia de San Joseph*, Madrid 1W6; pg. 237. ¡Publicam-na também fr. (Diego de Madrid e fr. Juan de la Calzada, *Vida admirable*, 2, 124; fr. 'Antonio Vicente de Madrid, *Chronica de la santa Provincia de S. Joseph*, Madrid 1 pg. 370; *Monumenta Historica Societatis Jesu. Sanctus Franciscus B orgia*, 3; pp. 35-36, cujo texto aqui aproveitamos.

Al muy Reverendo Padre mio, Fray Pedro de 'Alcántara.

Muy Reverendo Padre, pues el llevador de esta informará a V. R. de la consolación que con su carta he recebido, y de lo demás que conmigo ha tratado sobre este negocio a que ha venido, no curaré de escribirlo a V. R., sino remitirme a su relación, y certificar a V. R. que en todo lo que por mi medio pudiere aprovechar con Su ¿Santidad, ©n caso que haya necesidad de su autoridad, lo haré con la voluntad que es razón *(3)t Y tengo por cierto que, siendo la obra tan santa, se favorecerá, assi en dispensar con algunos religiosos que se pasen (4) a la compañía de estos ¡Reverendos Padres, como en aceptarla y aprobarla por buena.

En lo demás me remito al Padre.

Y guarde Nuestro Señor su muy reverenda persona, como lo deseo.

De Gandía, a *13 de Febrero de 154'9.

4.

Almeirim, 20 de Setembro de 155*1' (5).

Carta da infanta D. Isabel, viuva do infante D. Duarte, a S. Pedro de Alcântara, a dizer-fhe a alegria que lhe deu sua carta e a esperança em que ficava de brevemente o ver em Portugal com ir. João de Aguila, e a dar-lhe notícias do rei que se vai com a corte a Lisboa, dos infantes D. Luis e D. María e das obras do convento de S. Catarina de Ribamar.

Publi'Oou-a, em tradução do texto português, fr. Diego de Madrid e fr. Juan de la Calzada, *Vida admirable del Phénix Seráfico, y redivivo Francisco*,

(3) Ao tempo, S. Francisco de Borja estava de partida para Roma em missão diplomática.

(4) *Monumenta Soc. Jesu* traz «passan» em vez de «pasen». Preferimos esta lição por nos parecer mais segundo o contexto histórico: o que se desejava e pedia, era que pudessem vir religiosos de outras Províncias a incorporar-se na Custódia da Arrábida.

(5) O lugar é dado pelo texto da carta; e a data calcula-se pela noticia da ida do rei a Lisboa no fim de setembro para a trasladação dos ossos dos reis D. Manuel e D. Maria.

San Pedro de Alcántara, 2, pg. 143'; ¡António Vicente de ¡Madrid, *Chronioa de la santa Provincia de S. Joseph*, pp. 3179-1380. Aproveitou-se o texto de fr. Diego de Madrid e fr. Juan de la Calzada. Fr. António de Huerta, *Historia, y admirable Vida del glorioso Padre S. Pedro de Alcántara*, pp. 2^a11-212, com esta carta e outra que adiante se publica, de 2^o8 de Novembro deste mesmo ano, compôs uma só carta que datou de 8 de Janeiro de 15413, porque julgou que se referiam à infanta D. Maria, filha de D. João III, que nesse ano casou com Filipe, príncipe de Espanha que depois foi rei, as notícias aqui dadas sobre a infanta D. Maria, filha del-rei D. Manuel.

Al muy devoto y virtuoso Padre Fray Pedro de Alcántara.

Jesus.

Muy devoto y virtuoso Padre, Yo os merezco esta grande amistad, como me hiciste con me escribir, porque yo estaba ya con las tripas en la boca de pensar que os dejabais olvidar. Ahora sufriré que estéis allá más algunos días, pues es con lia certidumbre de venir para esita tierra y traer con ves a fray Juan (6), que en extremo holgaré de lo ver, que por la amistad que con vos tiene, le quiero muy grande bien. Y de aqui viene también la que tengo a fray Juan de Espinosa (7). Y no puedo dejar de tener mucha esperanza en Nuestro Señor dar remedio a Maria (8)», pues tiene tales terceros ante Nuestro Señor, de adonde le nacerá la merced que Dios le ha de hacer; y de la certidumbre que me dais, vivo yo ahora.

Nuestro Señor os pague estas buenas nuevas que me dais. Y las que os puedo dar de esta Casa, son estar buenos todos. El ¡rey mi señor y todas sus Altezas -se van a Lisboa a mudar los huesos ddl (Rey mi señor que esté en gloria y de la Reina mi señora doña Maiia (9); y llevan allá a Duarte (10) y nos

(6) Fr. João de Águila que afinal, veio sem o Santo e já estava em Portugal a 2^o8 de Novembro, segundo as cartas dessa data adiante 'transcritas. Incorporou-se depois nia Custódia, e nela morreu em 1580.

(7) Frade da Província de S. Gabriel, de virtude e autoridade. Contra a vontade de fr. André da insua, Geral da Ordem, que presidia ao capítulo celebrado no convento de Majaretos em Outubro de 1554t, foi alá eleito Provincial. e governou até Outubro de 15 5*7'. Não se vê claro o motivo por que a infanta recorda sua amizade a fr. João de Espinosa. Teria sido ele quem veio com o correio? Seria um dos terceiros no casamento de «Maria»?

(8) A este tempo tratava-se do casamento da infanta D. Maria com o príncipe de -Espanha D. Filipe que depois foi rei. E a este esperado casamento se refere a infanta no final da carta. ¡Será também à infanta D. (Míria esta alusão? -Pode ser. A carta dá a impressão de ter sido escrita despreocupadamente, ao correr da -pena e não admira por isso que se tocasse nela um assunto, e outra vez a ele se voltasse depois para melhor se acabar a notícia. Arcángel Barrado, em AIA, '22, 555, supõe que D. ¡Isabel não trataria simplesmente por «¡Maria» a infanta sua cunhada, e prefere ver aqui alusão a <sua filha D. Maria então de 13 anos e que casou com o Príncipe de Parma em 151&5.

(9) O rei com a corte saiu de Almeirim a 30 de Setembro de 1551 para a cerimónia da transladação dos restos de D. -Manuel e D. Maria para ¡Belém, feita a 19 de Outubro.

(10) O filho da Infanta e do falecido infante D. Duarte 107-9-1515 a 20-110-1540), Nascera em Março de 1541 e morreu em '218 de Novembro de il'5'76.

quedamos en este Almerín con grandes deseo®, mais ha de ser por pocos días, porque se volverán en fin de -octubre o entrada de noviembre.

Santa ¡Catalina se hace con grande prisa 'O!). ¡Placerá a Dios que se acabará, para que en ella hagais mucho servicio a Nuestro ¡Señor.

El señor Infante ⁽¹²⁾ no está aquí, y por eso no os escribo muchas nuevas de él; mas está bueno, y así lo están todos estos señores. 'Da señora Infanta ⁽¹³⁾ muy hermosa, que es señal de que está contenta. Acábelo 'Nuestro ¡Señor de contentar del todo. Y si así fuere, ella os pagará este amor que a todos nos tenéis, porque yo así -se lo he siempre de acordar.

'Nuestro 'Señor os dé muchas consolaciones, y os conserve en su servicio.

Da inf anta doña Isabel.

5.

¡Santarém, 20 de ¡Setembro de '1551'.

¡Carta do conde de Vimioso D. Alonso de Portugal a S. Pedro de Alcântara, a dizer-lhe a alegría que leve com sua carta e a dar-lhe noticias da sua saúde, das suas resoluções, e da sua família.

Publicada por fr. iMarcos de Alcalá, *Chronica de la Provinda de San Joseph*, pp. 2'2'5-2'2'6> em tradução do texto português original guardado, ao tempo, no convento de S. Gil de Madrid; e por fr. Diego de Madrid e fr. Juan de la Calzada, *Vida admirable*, pp. 1417-149. Aproveitamos o texto de fr. Marcos de Alcalá.

Al muy virtuoso reverendo señor el señor fray Pedro de Alcántara, que nuestro ¡Señor haga santo.

Señor, Puedo afirmar <a Vuestra Merced que ha muchos días que no he recibido mayor contento, que Cl saber nuevas de Vuestra 'Merced y de ver su carta. ¡Bien veo todo lo que en ella me dice, y no acabo conmigo pa-recerme razón ⁽¹⁴⁾ el que podrá ser no verlo muy presto. Nuestro ¡Señor ordene su vida y asiento para -su servicio, que, aunque en la parte donde estuviere, esté bien, nadie sabe como está, según lo del Evangelio: «Qui se putat stare»⁽¹⁵⁾; Deus tamen [qui] ubique est, dirigat corda et sensus nostros in obsequium Christi».

Das nuevas de la señora Infanta no tenemos aun por ciertas l⁽¹⁶⁾ ; mas por

¡⁽¹¹⁾ O convento de S. Catarina de Ribamar, cerca do Dafundo em Disboa, construído a expensas de D. Isabel e inaugurado, ao que diz fr. António da Piedade, *Espelho de Penitentes*, ;1'8;3>, ainda nesse ano de 15'51.

⁽¹²⁾ O infante D. Duis.

⁽¹³⁾ A infanta D. Maria, filha del-rei D. ¡Manuel.

⁽¹⁴⁾ p_r Marcos de Alcalá traz: «y no acabo conmigo, parecíame razón el que...»

⁽¹⁵⁾ 'Cita, não o Evangelho, mas 1 Cor. 10, il!2: Qui se existimat stare, videat ne cadat.

⁽¹⁶⁾ D. Maria, de cujo noivado corriam notícias.

cierto tenemos que será imo de los principes bienaventurados el que tuviere su compañía, y que no perdieran por su partoe los grandes ni pequeños, como Vuestra Merced mejor sabe, que la vio y conoce i⁽¹⁷⁾.

¡De mí le pudiera decir mucho, «sed non licet per atramentum». (Despues que Vuestra Merced me dexó enfermo en Almerin, muy pocos fueron los días que me levanté de la cama. Pasé grande diversidad de tormentos, y de veinte dias acá no me puedo 'levantar de una silla en que me llevan y traen, sin poder sosegar en la cama ni tenerme en los piés, de humor que sobrevino a las piernas, con dolores tales que no sé como ¡estoy vivo. Y con todas estas mercedes de Nuestro Señor, que recibo de su mano cada instante, soy peor. y más malo, y rebelde, y endurecido.

Mas en otras cosas mías no puedo hablar assi como digo esto. Contodo lo quiero decir, para que me ¡ayude con sus oraciones y de sus amigos, que estoy en extrema determinación en ellas, y que muy presto espero haver la resolución de lo que ha de ser de mí, y que me hace Nuestro ¡Señor esta merced en desear vida de cristiano y de honrado, y que espero de Su ¡Magestad misericordia y sosiego de mis pensamientos y orden en mis desordenes y desmanes en el acierto que he de tomar ⁽¹⁸⁾. Esto no se puede hacer sin mortificar un poco la came que «concupiscit adversus spiritum» ⁽¹⁹⁾. Mas reconozco que «qui mittit manum ad aratrum et respicit retro, non est aptus» ⁽²⁰⁾. Y portanto «omnia possum, in eo qui me confortat» ⁽²¹⁾, y espero de poner el pecho a todo. La Condesa⁽²²⁾ mi señora es solo lo que me atormenta en esto, porque no es posible dexar de tener dolor de mi determinación; mas «qui non reliquit patrem et matrem» ⁽²³⁾ etc. Vuestra Merced me ayude de allá, que de los hombres de acá espero muy poca ayuda. Debemelo por amor, que otra cosa no me debe. Si tuviera disposición y Vuestra Merced estuviera en parte donde pudiera yo tratar con él mis pensamientos, como siempre hice, ninguna cosa de contento me fuera igual.

¡La Condesa su servidora está ¡encinta, y Nuestro Señor para hacerle merced en diciembre ó enero; Don Francisoo y Don Alonso ⁽²⁴⁾ están buenos, sea Dios bendito y aüabado; y ella muy deseosa de verle y servirle, y muy agradecida de la memoria que nos ofrece y que itiene de nosotros.

⁽¹⁷⁾ jr. Marcos traz: «...mejor sabe, que supo, y conoció».

⁽¹⁸⁾ Difícil é esclarecer os problemas espirituais a que o texto se refere. À luz do mais que diz na carta de 28 de Novembro que adiante se publica, havia de se dizer que o 'Conde projectava retirar-se da vida da Corte onde desempenhava cargos de importancia, para melhor cuidar em viver como bom cristão.

⁽¹⁹⁾ Gál. 5. 17.

i⁽²⁰⁾ Lucas 9 6'2.

l⁽²¹⁾ Filip. 4, 4, 13..

⁽²²⁾ A condessa sua mulher era D. Maria de Gusmão que fora dama da infanta D. Maria, e com a quai casara em 1549 contra a vontade do rei que lhe destinava eaposa de mais nobreza.

l⁽²³⁾ Lucas '118, ¡29.

l⁽²⁴⁾ D. Francisco era o filho primogénito, nascido em 1549, e D. Afonso <o filho ¡segundo.

S. Pedro de Alcântara na espiritualidade portuguesa 339

El portador (25) es el más honrado hombre que he visto, y ofrecióse a mi servicio, y no huvo en que aceptarlo. Quedará para algún tiempo, si se ofreciere poder yo servir sus cosas, como deseo.

Beso a Vuestra Merced las manos, y (Nuestro ¡Señor le haga santo. Mi madre (26) se está en su recogimiento, y con menos mala disposición de lo que esperaba.

.De Santarén, -a veinte de septiembre de mil quinientos y cinquenta y uno.

Su servidor,

/Conde de Vimioso.

6.

lAlmeirim, 21 de Setembro de 1551' (?)

Caria de D. Maria infanta portuguesa a S. Pedro de Alcântara, a agradecer a carta de parabéns que lhe enviara pelo seu anunciado casamento, e a lembrar-lhe a promessa de visita ou de encontro no caminho para Castela.

Publicada em tradução castelhana do texto português por fr. Diego de Madrid e fr. Juan de la Calzada, *Vida admirable del Phénix Seráfico, y redivivo Francisco, San Pedro de Alcántara*, 2, pg. 192. Fr. (António de Huerta, *Historia, y admirable Vida del glorioso Padre S. Pedro de Alcántara*, pg. 209-210, datou-a de Lisboa a 2 de Janeiro de 1543, e atribuiu-a à infanta D. Maria, filha de D. João III, que nesse ano casou com o príncipe D. Filipe que depois foi rei de Espanha e Portugal; e juntou-lhe parte do texto da cópia da mesma D. (Maria, que adiante se publica.

¡Al Padre fray Pedro de Alcántara.

Padre Fray Pedro, Si yo tuve fe hasta ahora, mucho más la acrecentó esta carta vuestra, con que yo holgué en extremo. Sea por amor de Dios, todo lo que en ella me decís. Bien creo que cosa que vos tanto lo encomendais a Nuestro Señor, como es mi remedio, no podrá dejar de ser muy cierto; ni [E] ha de querer que el vuestro parabién, como allí dicen, sea en balde. Hasta ahora, Padre, no sé otra cosa, sino lo que vos me dierais, que yo espero que todo será así. Y pues ha de ser para servicio de Dios y bien de todos, por eso vos pido que insistais siempre en lo que yo sé que vos hacéis, en encomendarme a Dios muy afincadamente, y lo pidáis a vuestro Provincial⁽²⁷⁾

>(25) Parece ter sido Pedro Barrantes, meio irmão de S. Pedro de 'Alcântara, que também em 1553' veio a Portugal com certa de recomendação do Santo para a infanta D. Maria.

i(26) D. Joana de Vil'hena, segunda mulher do conde D. Francisco de Portugal e filha de D. Alvaro que era filho do duque de Bragança D. Fernando. Morreu em 24' de Julho de 1559.

(27) No capítulo de Plasença em Abril desse ano de 1551 fora eleito Provincial da Provincia de S. Gabriel fr. Francisco de Martiago, e governou até 1554. Não se sabe que coisa de especial ele tivesse feito pela infanta.

que lo mande por esas sus casas todas. Y agradecedle mucho de mi parte lo que ha hecho.

Y no se oís olvide, Padre, lo que me prometeis en vuestra carta, de venir acá a verme, o que os habéis de venir más cerca, para quando yo fuere, queriendo Dios. En cada lugar he de pensar que os he de hallar, hasta que os vea. Pero vos tened cuidado de hacerlo, y de escribirme todas las veces que pudiéredes, enquanto esto no fuere.

Nuestro Señor os acabe en su servicio.

21 de septiembre [de '1561 (?)]⁽²⁸⁾.

Da infanta Doña Maria.

7.

..... 'Novembro de 1551 i(?)⁽²⁹⁾.

Carta de IS. •Pedro de Alcântara à infanta portuguesa id. Isabel, viúva do infante D. Duarte, a expor motivos por que crê ter sido vontade de Deus a sua ida para Castela, e a informar dos progressos espirituais da sua Província de S. Gabriel e da sua muita estima por Portugal.

Publicada por fr. Francisco de Madrid, Buliarium Fratrum Ordinis Minorum Sancti Francisci Strictioris Observantiae Descalceatorum, 5 '(Madrid .1749),

I⁽²⁸⁾* Na data da carta não se indica o ano. Todavia os seguintes factos levam a datar a carta deste ano: Pouco antes de 20 de Setembro chegara à corte de (Portugal correio de S. Pedro de Alcântara, com cartas para a infanta D. Isabel e para o conde de Vimioso, nas quais se falava do projectado casamento de D. Maria com D. Filipe príncipe de Espanha e depois rei, pois ambos a isso se referem nas respostas que ao Santo deram e acima vão publicadas. Se o (Santo assim falava aos outros no casamento, à Infanta é de crer lhe enviasse parabéns. E a icssa carta de parabéns responde a Infanta a agradecer, nesta mesma altura em que partia o correio com as cartas da infanta D. Isabel e do conde de Vimioso. Este projecto de casamento é de supor que resultasse das combinações que então se faziam para realizar o casamento do príncipe português D. João com D. Joana de Castela contratado em (1643 com reciprocidade do casamento de D. Maria filha de D. João III com o mesmo príncipe D. Filipe. Este último casamento realizara-se logo em 1543', mas D. Maria morrera logo no primeiro parto, e daí a tentativa da parte de Portugal, de casar a infanta D. Maria com o viúvo D. Filipe agora em 1551 quando se realizava o outro casamento do mesmo contrato de 1543, ou seja, o do príncipe português D. João com D. Joana de Castela.

⁽²⁹⁾ A carta não tem data. Para a calcular ter-se-á de atender ao seu entreocho e a outras notícias. (Foi escrita depois de fr. João de Águila ter vindo para Portugal. Ora ele já ali tinha chegado quando o infante D. (Luís escreveu a carta que a seguir se publica a 28 de Novembro de 1551. E por isso é de calcular que tivesse saído de Castela para Portugal pelos meados desse Novembro. E a carta pode ter sido escrita, portanto, logo a seguir à partida de Castela de fr. João de Águila. A carta pelo seu entreocho poderá ser resposta à carta da infanta D. Isabel que acima se publica, e poderá também ter provocado a da mesma D. Isabel de 28 de Novembro de 1551 que a seguir se publica. Poder-se-ia assim datar a carta de qualquer dos dias

JÆS7b-16i8, segundo cópia notarial de fr. João de iS. Maria, passada em Lisboa, convento de Xabregas, a 1.2 de Março de :1*6;65-; por fr. António da Piedade, *Espelho de Penitentes*, pp. 32;5-312.7 ; por fr. Marcos de Alcalá, i*Chronica de la Santa Provincia de San Joseph*, pg. '207, um trecho apenas; e por fr. ¡Diego de Madrid e fr. Juan de la iQalzada, *Vida admirable*, 2, U317-H3®, que também dão texto truncado.

Jesus Miaria.

¡Señora, La paz de /Cristo more en el ánima de V. A., aunque me vine de esos reinos, porque creo que asi lo quiso Nuestro Señor por el buen suceso que sucedió en esa santa Custodia ⁽³⁰⁾ con mi venida, pues con ella fue nuestro hermano fray Juan del Águila ⁽³¹⁾ y se guiaron las cosas de allá tan bien que parece que se acaba de canonizar la Custodia, de la cual creo que Nuestro Señor tiene especialísimo cuidado, así como de hacienda peculiar suya, pues el modo de vivir en ella íes a El tan apreciable, y *en tan poco número de gente tiene 'tantos siervos.

Y de mi venida acá creo yo que isiea Nuestro ¡Señor servido. Oomo sean cosas que El guía y que tan claramente lo quiere mostrar, no hay que hablar. Nuestra Provincia, sea gloria a Nuestro Señor, en muchas cosas está mejor que nunca estuvo. Digo esto a Y. A. ¡porque sé que, demás de ser tan celosa de la gloria de Nuestro Señor, lo es en especial de que esta crezca en estas sus Provincias de la Piedad y San ¡Gabriel y ¡Custodia de la Arrábida, a la cual tengo yo singular amor, porque sé lo que en ella hay, y porque, caeteris paribus, tengo, cierto, más amor a las cosas de ¡Portugal que a las de ¡Castilla, por la gran cristiandad de los Prinoepes de esos reinos, entre los cuales señaló Nuestro Señor a V. A., así por lo que heredó de sus 'progenitores como por las buenas inclinaciones y por estar más desembarazada de negocios temporales. Esto senti y siento siempre, y digo en cualquier parte en que me hallo, y entiende V. A. en todos, unos por haberlos visto y otros oido ⁽³²⁾. Y por esto

seguintes à saída de fr. João de Águila para Portugal. Há, todavia outro dado que desta forma ficaria escuro, e é que, ao tempo em que o ¡Santo escrevia «se acaba de canonizar la Custodia» da Arrábida. Não sabemos de qualquer facto então sucedido que pudesse ser a «Canonização» da Custódia. ¡Canonização poder-se-ia chamar ou o breve *Dum quo ad quid* de 2;8> de Outubro de tl.55:!, mas nos meados de Novembro ainda o ¡Santo não teria notícia certa dele. Ou teria, porque poderiam já ter comunicado de Roma a solução que depois se publicou no Breve. Mas a não ¡se supor isto, ¡ter-se-ia de datar esta carta de ¡Dezembro de 1551 ou depois ainda.

,⁽³⁰⁾ A Custódia da Arrábida.

<⁽³¹⁾ Fr. João del Águila já estava em Almeirim a 2'8 de Novembro de 1551, oonforme a carta do infante D. Luis que a seguir se publica.

'(32), Não vejo como dar sentido ao texto como vai transcrito '(texto apresentado por Arcángel Barrado, AIA, 22 pp. 543;-544, e que suponho ser o texto do *Bullarium Descalceatorum*). O texto como o dá fr. António da Piedade, é o mais lantigo que se conhece. Arcángel Barrado diz que tem «algumas erratas». Neste ponto diz assim: «Esto siento, y lo he (entendido siempre ¡en cualquier parte que me hallo, de las personas que lo an visto, y otras, que lo an oydo dezir, e por esto confio ¡en nuestro ¡Señor, que por los pensamientos,

confio que el Señor que un solo cuidado temporal que V. A. tiene, que es de esos principes sus hijos i⁽³³⁾, Nuestro Señor lo tomará a su cargo. ¡Plega a su divina bondad hacerlo así, y que el principal remedio de la señora Doña Maria i⁽³⁴⁾ ¡V. A. lo vea, antes que la lleve a reinar consigo mismo. Amen.

El portador es persona fiel, si vuestra V. A. fuere servido escribir, etc.

Capellán indigno de 'V. A.

Fr. Pedro de Alcántara.

8.

Almeirim, 2^o8 de Novembro de 1551.

Carta da infanta portuguesa D. Isabel, viúva do infante D. Duarte, a S. Pedro de Alcántara, a informar da tristeza que teve com a noticia de que ele não voltava para Portugal, e a pedir-lhe que mude de resolução, e a dar-lhe noticia dos filhos.

¡Publicada em tradução castelhana por fr. Diego de Madrid e fr. Juan de la Calzada, *Vida admirable*, 2, 1^o316-1^o317. Fr. António de Huerta, *Historia e Vida admirable dei glorioso Padre S. Pedro de Alcántara*, 21^o1-212, fez desta carta e da outra de .20 de iSetembro uma só que datou de >8 de Janeiro de d 543.

Al muy devoto Padre Fray Pedro de Alcántara.

Muy devoto Padre, Estoy tan mal con vos, que estuve por no escribir; más soy tan vuestra amiga, que no lo puedo dejar de hacer.

¡Ruégeos mucho que mudeis ese propósito que teneis de os dejar estar allá, y os vengáis para esta Custodia ⁽³⁵⁾; pues, comenzados a criar estos ángeles ⁽³⁶⁾, no se pierdan por vuestra culpa, que asaz de vuestra culpa será dejarlos en este tiempo.

Fray Juan del Águila supe ahora que era venido. Mandléle luego llamar, y hallóse mal dispuesto, de manera que no pudo venir. Quedé muy lastimada con esta, porque esperaba de perder parte del gran deseo que tenia de vos, con vedo a él.

que Vuestra Alteza tiene de esos Principes -sus hijos, que su Divina Magostad terá cuidado de ellos. Quera la Divina bondad, que asi se consiga, que el principal remedio de la Señora Doña Maria es esso». Também não se lhe vê sentido claro. Talvez qualquer frase se tenha perdido ou se tenham estropiado quaisquer palavras entre a exposição que o iSanto faz da sua simpatia pelas gentes de Portugal e o elogio dos cuidados da Infanta pelos filhos.

i⁽³³⁾> Os filhos da Infanta que eram D. Maria t(fl^o5318-1^o5717), casada em 1565 com Alexandre de Famésio; D. Catarina i(154^o0-1^o614)', com o duque de Bragança iD. João e pretendente ao trono português em T 5^o8>0; e D. Duarte (1541-1^o577) que morreu solteiro.

i⁽³⁴⁾ O contexto (e mais o que dá fr. António da Piedade, segundo fica dito na nota 3;2) parece indicar que se trata aqui de D. Maria filha da Infanta.

⁽³⁵⁾ Custódia da Arrábida. Pode ser que esta carta responda à de S. Pedro que acima se publica.

⁽³⁶⁾ Referência aos frades da Custódia da Arrábida, ou talvez aos filhos dela, a Infanta.

¿Mostré mis hijos a los (Padres. Ellos os dirán nuevas de sus «travesuras. Están todos muy bonitos. Yo tan mal dispuesta como siempre, y por eso no os cribo de mi mano.

/Nuestro Señor os conserve en su servicio.

De Almeirim, a 2^o8 de Noviembre de 11*551.

(La Infanta Doña Isabel.

9.

tAlmeirim, ‘28 «de Novembro de ¡1551.

‘Carta do infante português \D. iLuis a S. Pedro de Alcântara, a dizer que recebera a sua carta e a do Provincial da sua Província de S. Gabriel, e não despachara no que pediam porque o ¿eral ir. André da insua o fizera da maneira como o portador lhe dirá, e que folgara com o que lhe dissera de ir. João de Águila, mas preferia que também ele tivesse vindo a Portugal.

Publicada em -tradução castelhana por fr. Marcos de (Alcalá, *iChronica de la Província de S. Joseph, pg. 220*, segundo o original conservado então no arquivo do convento de S. Gil de Madrid; e .por fr. Diego de Madrid e fr. Juan de la 'Calzada, *Vida admirable, 2, 135-111316*. Transcrevemos o texto publicado por fr. Marcos de Alcalá.

(Al Padre fray Pedro de Alcântara.

Padre fray Pedro de Alcântara, por el Padre fray Jerónimo de Zarza⁽³⁷⁾ recebi vuestra carta con la del Padre Provincial ⁽³⁸⁾ ; y lo que por ella me suplicaba, no fue necesario efectuarse de mi parte, como yo «estaba pronto para hacerlo, porque el Padre General hizo en ello lo que el Padre fray Jerónimo os dirá.

Lo que me escribis del Padre fray Juan del Águila ⁽³⁹⁾, me holgué de saber por otra vuestra carta, que por semejante aviso no dexa de aprovechar a lo que acá pretendíamos de el. Y bien se echa de ver en -eso, el zelo que tenéis al servicio de Nuestro ¿Señor, que se hace en esta (Custodia de la Arrábida, pues en todas «partes donde «os halláis, le «aprovecháis. Y bien quisiera yo que esto fuera con vuestra presencia, por la experiencia que tengo, del fruto que hacéis en ella. Mas parece que Nuestro Señor lo ordenó de otra manera, -pues no os fueron dadas «las obediencias, siendo una de ellas dada en mano de Pedro Barrantes vuestro hermano ⁽⁴⁰⁾.

\⁽³⁷⁾ Fr. Jerónimo de Zarza seria frade da Província de S. Gabriel.

¿⁽³⁸⁾ P. fr. Francisco de Martiago, eleito em Abril de 111551.

I⁽³⁹⁾ Fr. João de Águila veio para a «Custódia e nela se incorporou e foi eleito custódio logo em il 1553. Precisava-se de frade para governar a Custódia, e D. Luis mostra satisfação por ver que fr. João de Águila para isso servia.

¿⁽⁴⁰⁾ ¿P. André da insua demorou em Portugal desde «Abril de 1551 a Agosto de 1552. Dele eram as obediencias que Pedro Barrantes levou a S. Pedro de Alcântara para regressar -a Portugal. Não consta por que motivo «não foram exiecutadas tais obediencias.

(Ruégooos mucho que de allá nos ayudéis con oraciones e con los recuerdos que os parecieren necesarios. El Padre fray Juan del Águila me ha parecido lo que es, e (tengo mucho consuelo en su compañía, y espero que nos ha de aprovechar mucho.

'Escrita en 'Almería, a veinte ocho de noviembre de mil quinientos y cincuenta y uno.

El Infante Don Luis.

10.

•Quinta da Condessa>⁽⁴¹⁾, de (Novembro de 1651.

'Carta do conde de Vimioso D. Afonso de Portugal a S. Pedro de Alcántara, a manifestar a alegria havida com as novas dele e a tristeza que lhe causou a noticia de que se ficava em [Castela, e a informar que se retirara, deixando na Corte a mulher, sentido por lhe não terem correspondido aos serviços feitos e que fora assim melhor por poder deste modo esconder o motivo que mais o levava a retirar-se, que era m&lhor cuidar de Deus.

Publicada em tradução castelhana por fr. Diego de Madrid e (fr. Juan de la Calzada, *Vida admirable*, 2, 150-151il.

Al muy virtuoso y reverendo señor fray Pedro de Alcántara, que Nuestro Señor haga santo.

De quanto me holgué de saber nuevas de Vuestra Merced por estos Padres, y tanto sentí las nuevas que me dieron de la poca cuenta que hace de nosotros y de esta tierra, y asá es razón, por muchas razones lo sentimos en este tiempo que dejamos a la Condesa⁽⁴²⁾ en los trabajos de la Corte y nos fuimos a la Quinta de la Condesa a pasar en ella parte de la (Cuaresma o toda y el tiempo que va de aquí hasta entonces, sin pensamiento de ningún negocio, porque mal respondido fuimos ⁽⁴³⁾, de que yo no estoy poco contento por poder tomar otro estado de vida sin escándalo y con razón. Nuestro Señor me escoja el que fuere mejor para su servicio y mi salvación.

En dejar todo el resto del mundo va tan poco, como en cosa que dura a los hombres tan poco. Vuestra Merced se acuerde de nosotros en sus oraciones, y de da (Condesa que parirá en enero, queriendo Dios. Ella se encomienda a sus oraciones. (Los niños esban bonitos. Don Francisco hace este mes que viene, das años. (Sábese persignar y sabe el Ave Maria y casi el Pater Noster. ¡De Nuestro (Señor recibo muy mayores mercedes de lo que le merezco.

El Señor le haga santo.

'28 de noviembre de il551!.

Su servidor,

El conde de Vimioso.

⁽⁴¹⁾ Datada de Quinta da 'Condessa, conforme diz o texto.

⁽⁴²⁾ (Condessa D. Luisa de Gusmão., sua mulher.

⁽⁴³⁾ Em que fora o Conde «mal respondido» para se retirar da Corte, não diz a carta nem outra informação o revela, que nos conste.

11.

Lisboa, 2 de Fevereiro die •15531.

*'Carta da infanta portuguesa iD. Maria a S. Pedro de Alcântara, a agrade-
'Cer-lhe os parabéns que lhe mandara pelo projectado casamento, de que todavia
ainda não tinha notícia certa, e a informar da satisfação que lhe deu a visita
do Provincial da Província de S. Gabriel e que espera ocasião de lhe pedir
licença para ele vir a Portugal.*

Publicada em tradução castelhana ipor *ir.* Diego de Madrid e fr. Juan die
la Calzada, *Vida admirable*, 2, l'SS-1 89. Fr. Marcos de «Alcalá, *Chronica*, pg. 238
publicou trechos da carta, que utilizamos no texto que publicamos.

Al Padre fray Pedro de Alcântara.

Padre fray Pedro, sea por amor de Dios quanto cuidado teneis de mi
consolación y de la me desear, que yo bien conozco por vuestras cartas. Y
buena ventaja llevareis a todos en los parabienes que me dais, de lo que
placera a Dios que será, si fuere para tanto servicio suyo e bien de todos, como
vos decis que ha de ser y así lo espero. 'Recaudo cierto y sabido de este
negocio (44) aun no lo tengo; mas a poder de vuestros parabienes y de encomen-
darlo a Nuestro (Señor, ha de ser muy presto.

Holgué mucho con la venida de vuestro Provincial ¡(45). Quiera Nuestro
Señor que antes que él de acá se vaya, sea tiempo para le pedir licencia de
vuestra venida. Y no dejaré de esperar todos los bienes del «alma y de la vida,
pues tantas oradores tengo por mi.

Nuestro Señor os pague la caridad que me hacéis en obligar a «los que cono-
céis por virtuosos, que me encomienden a Dios. Y holgué de la información que
me dais de la cosas de vuestra Provincia. Y así holgaré tengáis siempre mucho
cuidado de me escribir, porque recibo mucha consolación con vuestras cartas.

Nuestro Señor os la dé, y os acabe en su servicio.

De Lisboa, 2 de febrero de '1563.

La Infanta Doña María.

12.

Casa de los Ángeles, 15 de Junho de ¡1553.

*Carta de S. Pedro de Alcântara à infanta portuguesa D. Maria, a dar-lhe
as boas vindas na sua ida para Castela depois de casada, e a apresentar-lhe seu
irmão Pedro Barrantes para quem pede mercê.*

Publicada «por fr. Diego de Madrid e fr. Juan de la Calzada, *Vida admi-
rable*, 2, l'89-19^1, copiada do original conservado na Casa da condessa de
Oropesa.

i(44) O negócio que se tratava do seu casamento com o príncipe D. Filipe
de Castela, depois rei. Em U'5:53 segunda vez se voltou a tratar de tal
casamento.

I(45) Não há outra qualquer notícia desta viagem a Portugal do Provincial
que era fr. Francisco de Martiágo.

(El Espirito de 'Cristo hincha el ánima de V. A., suavice, encienda y abraze su consolación, l*a consuele y alegre. Amen.

(Sea enhorabuena la venida de V. A. a estos sus reinos. No ipodia Nuestro Señor, según su bondad, dejar de hacemos esta tan gran misericordia, tanto tiempo deseada de los moradores de ellos y tan demandada de tantos siervos suyos, confiando del que dilató el cumplimiento de cosa tan deseada a los reinos de que tiene hecha a V. A. señora, porque, según la grandeza de la merced, requería tan largos deseos y oraciones de tantos, para ser recibida y merecida y estimada y conservada. IFlega a su divina Majestad asi sea. Amen.

Yo no pensé hacer ya más esto por carta, hais ta que, placiendo a Nuestro Señor,, por mis ojos viesse a V. A. en ¡Castilla, en el estado que tantos -años ha la deseo. Y desde la primera vez que a V. A. vi, no me olvidé, además de mandármelo, a lo encomendar muy particularmente a Nuestro Señor, y esta voluntad, cuanto es más, la conservo, y conocí su mayor merecimiento, me obligó a más. Mas como esta merced que Nuestro ¡Señor había de hacer a tantos, y más o los que por singular conocimiento de sus grandes merecimientos y particulares favores de V. A. recibidos nos podemos preciar ser más suyos, entre los cuales yo,, que soy el menor, los he recibido mayores, pues han sido de maior amor.

Cuando a V. AL. di el parabién de ella-, no -estaba aun público a todos como ahora lo está, tomé otro acuerdo de dar a V. A. la enhorabuena en no-mbre de los siervos y siervas de Nuestro Señor, que son muchos, a quienes yo he demandado tomasen este cargo, con el portador⁽⁴⁶⁾ de esta, que es un solo hermano que tengo, el qual ya otra vez besó las manos -a V. A. y ahora es razón que las bese por criado de su casa. Y V. A. lo reciba por tal y le dé oficio en ella, conforme a su persona, que le puede poner en uno de muchos, según las cualidades y habilidades de ella. Y atrevome a hacer esto, que en este caso solamente pienso hacer, de lo cual he estado siempre bien descuidado, porque creo hago siervioio a V. A. en darle cosa mía para su casa y servicio, teniendo merecimientos para ello; y yo lio reoebiré por gran merced, -por tener desde acá más cuenta con V. A. y saber más a menudo y más en particular de su salud y próspero estado; que V. A., estando puesta en tan alto, no podrá ni querrá asi avisarme de ello, ni tendré yo de quien lo saber, que no sería para mí pequeño desconsuelo. Y además de esto sé que tiene habilidades para que V. A. se sirva de él, cuantas pueden -tener otros de cualidad. Y digo esto, aunque es mi hermano, porque no se puede V. A. de presente informar de otro mejor que de mí, ni creo dará a otro más crédito que a mí, y es así también porque en él verá V. A. lio que digo, cuya muy alta y serenísima persona Nuestro piedoso Señor gobierne prósperamente para mayor gloria suya y provecho universal de toda la cristiandad, con vida del Principe nuestro señor y dé él sucesión por largos años al siervicio suyo.

De esta casa de los Ángeles, y de junio 15 de 1553.

¡Siervo y capillán de V. A. indigno,

Fr. Pedro de Alcántara.

¡Respondame V. A.

⁽⁴⁶⁾ Pedro Barrantes Maldonado, meio irmão de S. Pedro de Alcántara, filho -de sua mãe e de seu -padrasto, ao tempo o único irmão que lhe restava.

13.

Jarandina, '22 de 'Agosto de il5'57.

Carta de S. Francisco de Borja a S. Pedro de Alcántara, a agradecer-lhe sua carta e inormar que não poderá passar pela sua ermida de Palancar à ida para Portugal, mas que por ali passará no regresso, e que em Portugal terá cuidado das coisas dele.

Publicada por fr. António de Huerta, *Historia y Vida admirable del glorioso Padre S. Pedro de Alcántara*, pg. 273; ipor fr. Diego de Madrid e fr. Juan de la Calzada, *Vida admirable*, 2', GOO-'^Ol ; por fr. (Marcos de Alcalá, *\Chronica*, pp. 2ic>5-2 6*6 ; e por *Monumenta Historica Societatis Jesu. Sanctus Franciscus Borgia*, 3, 3i03, donde a transcrevemos.

Jesus.

Muy Reverendo Padre mio en Cristo. 'Pax et gratia Domini nostri sit nobiscum semper. Arnen.

(Sabe el Señor quanto lo que con las cartas y cosas de V. R. mi ánima se consuela. Fuera yo de muy buena gana a su ermita ⁽⁴⁷⁾ de V. R. ^ y tuiérala por un paraíso en la tierra; mas he oído que Nuestro Señor se ha llevado al cielo al buen obispo de Badajoz i⁽⁴⁸⁾, y así el camino de Badajoz cesará y avré de ir derecho a Évora. Y en Portugal tendré yo el cuidado que es razón, de las cosas de V. R.; y a la vuelta espero en el (Señor que nos veremos y trataremos particularmente.

También he entendido que el Padre maestro Zapata era muy querido de el señor Obispo que esté en gloria.

Ora pro me, Pater mi, ut communicet Dominus mihi Spiritum Sanctum. Con todo lo que digo, trabajaré de informarme de el camino; y, si puedo, lo guiaré por ai, aunque que tuerza algo. El (Señor lo encamine todo. Mas si no viniere al camino, será lo que arriba digo. Y otra vez pido a V. R. oret pro me.

.De X'arandilla, 22 de Agosto de 1557 'años.

ISu siervo en el Señor,
Franciscus.

l⁽⁴⁷⁾ Ermita de Palancar onde o Santo se recolhera.

⁽⁴⁸⁾ D. Cristóbal de Rojas y Sandoval que não morreu nesta ocasião, como a S. Francisco de Borja tinha constado, e que depois foi transferido para Q6rdova e finalmente para Sevilha.